

Francisco
Cândido Xavier

Caio Ramacciotti - Autores Diversos

VIDA NOSSA VIDA



Homenagem e gratidão a
Rolando Mário Ramacciotti

FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER

CAIO RAMACCIOTTI

AUTORES DIVERSOS

VIDA NOSSA VIDA

EDIÇÃO GEEM - GRUPO ESPÍRITA EMMANUEL SOCIEDADE
CIVIL EDITORA - SÃO BERNARDO DO CAMPO - SP

CIP-Brasil. Catalogação - na - Publicação
Câmara Brasileira do Livro, SP

Xavier, Francisco Cândido, 1910-
X19v Vida nossa vida / Francisco Cândido
Xavier, Caio Ramacciotti, autores
diversos. — São Bernardo do Campo, SP:
Grupo Espírita Emmanuel, 1983.

1. Espiritismo 2. Imortalidade 3. Psicografia
4. Vida futura I. Ramacciotti, Caio, 1942 -
II. Título.

83-1405

CDD-133.91
-133.9
-133.9013

Índices para catálogo sistemático:

1. Alma : Imortalidade : Espiritismo 133.9013
2. Escritos psicografados : Espiritismo 133.91
3. Espiritismo 133.9
4. Espíritos : Comunicações mediúnicas:
Espiritismo 133.91
5. Imortalidade da alma : Espiritismo 133.9013
6. Vida depois da morte : Espiritismo 133.9013

Direitos autorais cedidos ao GEEM
Grupo Espírita Emmanuel Sociedade Civil Editora
Filiado à Câmara Brasileira do Livro
Av. Humberto de Alencar Castelo Branco, 2857
Telefone: (PBX) (011) 443-5888
Caixa Postal 888 - Telegramas: EMMANUEL
09700 - São Bernardo do Campo - SP
(C.G.C.M.F. nº 59.141.085/0001-70)

Capa e Programação Visual:
Gessé Alves Pereira

Diagramação:
Vivaldo da Cunha Borges

Produção:
Ademir de Carlo

ÍNDICE

Vida Nossa Vida.....	17
Apresentação.....	19
Carlos Henrique Branco Rodrigues.....	21
I.....	24
II.....	28
III.....	33
IV.....	37
Carlos Alberto Elisei.....	41
I.....	43
Orlando Antônio Lazzaro.....	49
I.....	51
Eduardo Zibordi Camargo.....	57
I.....	60
II.....	65
Fernanda Luíza Batista dos Santos.....	71
I.....	73

Georthon Lacerda Dantas.....	79
I.....	81
Sidney Catardo.....	87
I.....	89
II.....	92
III.....	94
Carlos Roberto Caminitti.....	99
I.....	102

VIDA NOSSA VIDA

Leitor amigo:
Nos temas despretensiosos deste livro,
o tema é a vida imperecível.

* * *

Criaturas amadas, após a noite da desencarnação, vieram das luzes do novo amanhecer, não somente enxugando as lágrimas dos corações que ficaram no Plano Físico, mas, também, estendendo paz e esperança aos companheiros outros que interrogam o Mais Além, sobre os desafios da Grande Mudança.

Vieram e levantaram sentimentos e renovaram caminhos.

Regressaram à convivência dos entes queridos, falando-lhes na linguagem da compreensão e da certeza na imortalidade vitoriosa.

* * *

Eis porque te ofertamos, prezado amigo, este volume iluminado de amor, por vida de nossas vidas, porquanto nele encontramos, em al-

gum trecho, essa ou aquela parcela de nossas próprias existências.

* * *

Vida nossa vida!...

Estrada que nos conduz a Mais Vida no Infinito em que nos achamos hoje e que nos espera amanhã, nas faixas de mais alto progresso espiritual, a fim de trilhá-la, superando dificuldades e apagando problemas, para que nos unamos cada vez mais.

* * *

Este é o livro simples que te apresentamos, rogando a Jesus, o nosso Divino Mestre, nos ampare e nos abençoe.

Emmanuel

Uberaba, 28 de julho de 1983.

APRESENTAÇÃO

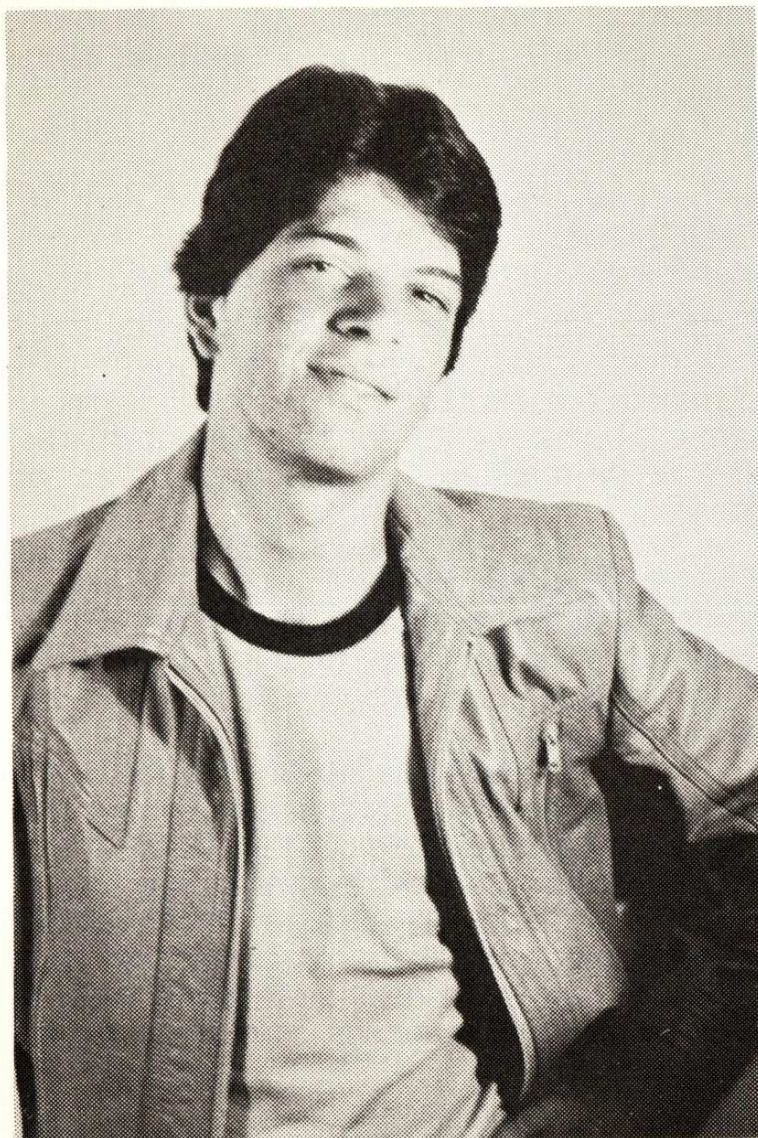
VIDA NOSSA VIDA se constitui de mensagens-depoimentos de oito autores espirituais que, não obstante terem deixado o veículo físico em diferentes cidades de nosso País, se reuniram em Uberaba (MG), após sua desencarnação, através da mediunidade de Francisco Cândido Xavier.

Testemunhando a realidade da Vida, com suas cartas, devolveram aos familiares queridos, que aqui permanecem, a alegria, a esperança, o alento, renovando-lhes o desejo de viver, ainda que mutilados em seus nobres sentimentos, pela difícil separação.

E, mais uma vez privilegiado com a possibilidade de estruturar este livro, reverencio a atenção, o carinho, o zelo dos familiares sempre atenciosos em nossas entrevistas, compreendendo que as cartas dos filhos que partiram devem ser exaustivamente divulgadas em benefício de companheiros nossos que igualmente sofrem a dor da separação de entes queridos, domiciliados no Plano Espiritual.

CAIO RAMACCIOTTI

São Bernardo do Campo, 28 de julho de 1983



CARLOS HENRIQUE BRANCO RODRIGUES

Mineiro de Barbacena, Carlos Henrique nasceu a 10 de janeiro de 1963 e desencarnou no Rio de Janeiro, dois dias depois de completar 18 anos, na noite de 12 de janeiro de 1981, quando o veículo em que se encontrava, juntamente com a prima Sheila e a colega Jacqueline, chocou-se contra um poste da Avenida Sernambetiba, na Barra da Tijuca, após desgovernar-se, por ter sido fechado por um basculante.

No acidente faleceram Carlos Henrique e Jacqueline, tendo Sheila sofrido ferimentos leves.

Filho de Hélio e Therezinha Madalena Branco Rodrigues, Carlos Henrique dividia o convívio familiar com os irmãos: Eduardo Branco Rodrigues, casado com Maria Regina Rigon Rodrigues, Ângela Maria Rodrigues Laguardia, casada com o Dr. Paulo Eustachio Laguardia, Ricardo Branco Rodrigues, casado com Marilourdes Oliveira Rodrigues e Eliane Branco Rodrigues de Faria, casada com o Dr. Elbert Geraldo Barra de Faria.

Da carta-depoimento de seus pais em que se evidenciam a resignação e a firmeza espiritual, destacamos o seguinte trecho:

“Carlos Henrique é nosso filho caçula: temos mais dois rapazes e duas moças, hoje todos casados. Era muito alegre, otimista, entusiasmado com tudo o que fazia e não chegou a saber que passara no vestibular para Engenharia que havia prestado no Rio de Janeiro, pouco antes de nos deixar.

Gostava demais do seu Fluminense, de jogar tênis, de comunicar-se com todo o mundo, através de seu rádio-amador.

Como vibrava com isso! Recebia e mandava correspondência para vários locais do mundo. Era um entusiasmado. Em casa, conversava muito e ainda ouço o seu “Mãe!” tão peculiar. Quanta alegria nos deu!

E após sua partida?

No passar dos dias, a saudade, que saudade, a moer-me o coração!

Quando pela primeira vez fomos a Uberaba, houve muita dificuldade para chegar até Chico Xavier, devido ao grande número de pessoas lá presentes. Tivemos, contudo, o conforto de saber que Carlos Henrique estava amparado por amigos espirituais e parentes já desencarnados que o acolheram com muito carinho.

Oh! Maravilhosa Providência Divina!...
Que Deus seja louvado.

Sempre achei que meu filho não morreu. Tenho caminhado com a certeza de que continuo sendo sua mãe, que como tal devo dar-lhe força, otimismo, mesmo que meu coração esteja partido.

Todos os dias, olhando sua foto, digo-lhe: que Deus o abençoe para seguir em frente com coragem. Assim tem sido, assim será: com muita dor no fundo da alma, mas banhada pela luz da fé que não se apaga.

O que tenho que agradecer aos Amigos Espirituais, aos irmãos que nos acolhem e a Chico Xavier, é tanto que uma única existência não dá.

Sentimo-nos, meu marido, eu e os filhos, felizes pela oportunidade de divulgar o amparo que recebemos, através das quatro mensagens de nosso querido filho, pois, é necessário que a outros amigos que sofrem se dê esperança e certeza de que a Vida continua...”

As páginas que apresentamos a seguir foram recebidas por Chico Xavier, em Uberaba, de abril de 1981 a abril de 1983, sendo a primeira psicografada três meses e meio após a partida do Carlos Henrique.

I

Querida Mamãe Therezinha, associando-a com o Papai Hélio, estou aqui dando presença, com a certeza de que posso contar como sempre, com a sua bênção.

Mãe querida, no íntimo, você está absolutamente convencida de que seu filho não morreu, mas estamos necessitados de unir as nossas melhores energias para levantar a coragem de nossa Sheila, abatida com o insucesso de nossas andanças.¹

Mãezinha, sei que o nosso amigo Sr. Nélson recebeu as notícias de nossa estimada Jacqueline² e a própria Jacqueline me procurou, avisando-me que a nossa Sheila viria até nós, a fim de lavar o pensamento, na certeza de que nenhum de nós teve qualquer culpa no acidente que nos impôs tantos arrancos aos corações.

Desejo dizer à nossa Sheila, que se me

1) Sheila Rodrigues, a prima, dirigia o veículo quando do acidente e, naturalmente, muito se abateu, sendo objeto de constante preocupação do Carlos Henrique nas cartas mediúnicas.

2) Qual já dissemos anteriormente, Jacqueline Melo da Silva também faleceu no acidente. Seus pais, Nélson e Sanya Melo da Silva, receberam igualmente recado da filha, através de Chico Xavier.

lembro de algum detalhe da ocorrência, recordo-me claramente de que certa máquina pesada, provavelmente algum caminhão carregado, nos atirou o carro sobre o poste.

Depois disso, estou na condição de esquecido, qual sucede com ela própria. Uma certa amnésia me absorveu e me demorei bastante no torpor que não sei explicar.

Depois de obter aqui a assistência necessária, soube que ela, a nossa querida Sheila, estava inconformada e abatida, até mesmo pensando na maneira de nos seguir, à Jacqueline e a mim, como se fosse culpada de um acontecimento do qual nenhum de nós três tomou parte.

Desejo que a prima querida permaneça em paz, otimista e interessada na vida como dantes. Estou percebendo as antenas da curiosidade com que ela procura nos observar, mas infelizmente não consigo me materializar para retirá-la desse processo de angústia, no qual, graças a Deus, ela não sucumbiu. A tia Dayse e o Tio Acir³ nos auxiliarão a vê-la forte e animada, sem o menor resquício de lembranças negativas, na memória.

Comigo, até mesmo a nossa benfeitora Maria Paes Leme, mãezinha da tia Dayse, veio confiante pedir à querida neta, coragem e alegria.⁴

A vovó Emília e a tia Maria, que têm a querida Mãezinha por filha do coração, nos compartilham deste comunicado muito especial para a

3) Dayse Pano Rodrigues e Acir Rodrigues, pais de Sheila.

4) Avó materna de Sheila, desde 1974 no Plano Espiritual.

nossa Sheila que desejamos plenamente liberada de quaisquer idéias tristes ou destrutivas.⁵

E outro pedido de seu filho é o de que distribua minhas lembranças de rapaz com aqueles irmãos nossos aos quais as pequeninas utilidades deixadas por seu filho possam auxiliar.

Guarde, Mãezinha, apenas os nossos retratos, porque as fotos são pontos de intercâmbio espiritual. Mas até mesmo o nosso aparelho de rádio, ceda para alguém que deseja trabalhar pelo "sem fio".⁶

Limpemos a área em que me movimente por aí, com o que me sentirei mais leve por aqui. Que o ar de vida nova e que a música possam arejar e enfeitar aquele recanto que não deve ser meu.

Envio aos irmãos, irmãs e cunhados o meu abraço com um beijão no Ricardo.

Não estou conseguindo memória para fazer uma lista de familiares e parentes, aos quais devo tantas atenções. A todos, as minhas lembranças e agradecimentos.

Creio que a Jacqueline, em se comunicando com os pais, já falou o suficiente para que a

5) Emília da Silva Mello, bisavó materna de Carlos Henrique e Maria do Carmo Mello Almeida Lima, tia e madrinha de D. Therezinha, falecidas, respectivamente, em 1929 e 1959. O jovem faz singular revelação neste trecho da mensagem, pois realmente a tia Maria foi uma segunda mãe para sua genitora, ajudando a criá-la, durante algum tempo, detalhe também ignorado pelo médium.

6) Carlos Henrique era muito ligado à rádio-comunicação e se refere ao seu aparelho de rádio amador.

nossa Sheila se tranqüilize e, por isso, me dispense de novas considerações.

Deus vela por nós todos e a querida prima será feliz, tão feliz, pelo futuro adiante, tanto quanto desejamos.

Querida Mãezinha Therezinha, receba com o papai Hélio o carinho imenso e o invariável amor de seu filho, sempre otimista e confiante, e também, sempre seu.

Carlos Henrique
CARLOS HENRIQUE BRANCO RODRIGUES
25.ABRIL.1981

II

Querida Mamãe Therezinha e querido Papai Hélio, estou aqui a repetir: Câmbio! Câmbio! Quero falar para Dona Therezinha Madalena e para o Senhor Hélio Rodrigues, em Barbacena!

Grito estas palavras com toda a força de meus pulmões, no entanto, reconheço que os pais queridos estão aqui em Uberaba mesmo.

Já sabem o que pretendo dizer. Que não chorem no próximo dia doze, porque a visão da Avenida Sernambetiba, na Barra da Tijuca, já se esfumou no tempo. Estamos nas vésperas de outro Janeiro, iluminado pelo Natal deste Dezembro.

Se lhes posso pedir algo mais do que me concedem sempre, rogo transmitam as minhas novas esperanças à querida Sheila que continua com alternativas. Bem, menos bem, melhor, deixou de ficar melhor, triste, menos triste, acabrunhada e mais corajosa... Quantos estados de alma numa criatura só.

Que a nossa Sheila se arrede daquele passeio em que o meu vestibular guardava, sem

que eu soubesse, um encontro marcado com a morte. A querida prima ainda não se arrancou daquele quadro que nós, a Jacqueline e eu, já conseguimos apagar da imaginação e de que nos lembramos somente quando preciso, para funções de estudo.

O sol já reapareceu tantas vezes depois do acontecimento infeliz e a nossa Sheila ainda carrega as marcas da ocorrência.

Mãe Therezinha, você que é tão generosa, vá até a Tia Dayse e ao Tio Acir e vamos trabalhar para que a prima consiga sorrir de novo, sem qualquer insegurança. É preciso que ela compreenda que estamos em outros dias e com novas idéias a nos povoarem a cabeça.

Por aqui me agito e começo a trabalhar. O vovô Rodrigues¹ tem sido um companheiro a quem já consigo prestar apoio. O apoio de um menino que procura descobrir os meios de alegrar o coração de um avô extremamente querido, porquanto, vejo-o fixado em vovó Assumpta, por si tão fatigada e tão doente.²

Tenho podido pensar com mais carinho em nosso Ricardo e fazer força por nossa Sheila, tantas vezes incerta, entre a dúvida e o sofrimento, a esperança e o desânimo.

Mãezinha, agradeço a você e ao Papai

1) Francisco Rodrigues, avô paterno desencarnado em maio de 1981, alguns meses após o neto querido.

2) Assumpta Rotelli Rodrigues, esposa de Francisco Rodrigues, retornou à Vida Maior dois anos depois do marido, em maio de 1983.

Hélio quanto fizeram e fazem pela continuidade do meu reequilíbrio.

Desejo contar-lhes que somente depois de vários meses, é que eu soube ter estado sob os cuidados médicos do Dr. Teobaldo Tollendal e do Dr. Fortini. Beneméritos amigos! Não permitiram que "o filho do Hélio", como me nomeiam agora, lhes apresentasse qualquer agradecimento.³

Sou agora um cidadão um pouquinho mais maduro. Já sei quanto devo à querida vovó Nicolina, à vovó Emília e à querida benfeitora Maria que teve o privilégio de trazê-la nos braços, quando você estava pequenina.⁴ Mamãe, aqui, segundo creio, e este é o meu caso, a criatura desperta para agradecer, quando o tempo lhe amadurece os raciocínios. Quero ser reconhecido a quantos me beneficiaram e espero conquistar recursos para isso.

Tudo prossegue bem. Não fosse a saudade e todos estaríamos felizes, mas saudade por saudade, o fenômeno é comum a todos os que vou conhecendo em minhas novas paragens. Quem veio sente falta de quem ficou e quem ficou conserva um refúgio íntimo no próprio espírito, a fim de acomodar a carência.

O negócio é de amargar, mas onde o amor existe a situação não pode ser diferente. Que a nossa Sheila nos ajude, fortalecendo-se em definitivo, porque, se regressamos à Vida Espiritual e a prima permanece aí, é que por aí há serviço espe-

rando por ela.

Poucas vezes reencontro a Jacqueline para qualquer tesourada nos assuntos da Terra, mas sei que ela, sob a orientação da avó Maria Leme, vem trabalhando intensamente no auxílio aos entes queridos que deixou no Rio e, assim, cada qual de nós vai seguindo com os seus próprios problemas e com as suas esperanças.

O Natal está às nossas portas. Compreendo a extensão das lembranças. Entretanto, Mãezinha, não fique introvertida a rearticular idéias menos construtivas como sucede com a tristeza vazia.

Lembre-se dos muitos Carlos Henriques e dos muitos Ricardos que estão sem pais que os amem. Busquemos homenagear Jesus, fazendo a alegria de algum garoto necessitado e aparentemente perdido neste mundo de Deus. Esse garoto anônimo e triste, que permanece aguardando algum gesto de amor, está em toda parte.

Basta procurar, porque não há necessidade de endereço. E celebremos as Festas de agora com a saudade vestida de confiança em Deus, pelos padrões de confiança na vida. Espero que assim façamos.

A vovó Emília me diz que em outra ocasião nos proporcionará notícias do Dr. Celso e do Guilherme. Pensemos nos dois, na condição de vivos em nova forma de existência, a fim de que es-

3) Médicos de Barbacena, amigos da família, já falecidos.

4) Nicolina Rotelli, bisavó paterna, desencarnada em 1937.

tejam entre aqueles que os auxiliam.⁵

E aqui vou terminar, porque não posso ocupar mais tempo.

Mãezinha Therezinha, orgulho-me de sua fé e agradeço, tanto quanto expresso a minha gratidão aos parentes que nos apóiam a certeza no reencontro na Vida Maior.

Reunindo os pais queridos em meu abraço de sempre com muitas lembranças ao querido irmão, deixa-lhes um beijo na face querida o filho que os ama cada vez mais e que lhes pertence pelo coração.

Carlos Henrique
CARLOS HENRIQUE BRANCO RODRIGUES
18.DEZEMBRO.1981

5) O Dr. Celso Gomes e o neto Guilherme Henrique foram vítimas de acidente aéreo, ocorrido em 1980.

III

Oi, mamãe Therezinha e querido Papai Hélio, recebam meu abraço extensivo à nossa querida Sheila.

Mãe querida, vim cumprimentá-la pelo natalício.¹ Este o motivo maior da visita de seu filho, conquanto deva reconhecer que estou assinando o livro de ponto da saudade ao fazer-me presente.

E ao desejar à querida Mãezinha Therezinha tudo o que a vida nos possa doar de Bom, quero dizer-lhes que a vovó Esther Mello e o vovô Chico estão comigo para o abraço festivo de que sou o portador.²

O vovô Francisco, para melhor identificar-se, me recomenda comunicar ao Papai Hélio que ele é ainda o "cachorrão"³ do neto.

Meu Deus, nunca imaginei que essa

1) Aniversário da mãezinha, comemorado justamente no dia da recepção da mensagem.

2) Esther Mello, avó materna, falecida em 1970. Vovô Chico, Francisco Rodrigues, é o seu avô paterno, lembrado em mensagem anterior.

3) A genitora do Carlos Henrique lembrou-nos de que "cachorrão" era a maneira carinhosa pela qual se tratavam neto e avô. Extraordinário detalhe que tanto enriquece a comunicação mediúnica.

palavra pudesse encerrar tanto amor. Meu cachorrão, meu amigo, meu companheiro! O vovô é maravilhoso e ainda me diz que o cão fiel ao dono, muitas vezes, não suporta viver no mundo sem ele.

Como observam, a nossa festa é de muita emoção e de muita alegria. Os que enxergam tristeza e escuridão na morte, que se cuidem no bom sentido, porque surpreenderão aqui a felicidade real nos reencontros, qual o desta noite em que choro de alegria por trazer-lhes a minha saudade enfeitada de risos e esperanças.

Parabéns à Mamãe, muita felicidade ao papai e a todos os nossos, e venturas mil para a nossa Sheila que as merece na grandeza de sentimento que lhe conhecemos.

Creio que estou agora livre de tecer comentários em torno do doze de Janeiro em que fomos abalroados por um poste que requisitou o privilégio de estar parado no trânsito.

A nossa irmã Jacqueline, qual sucede à Sheila, vem atualmente estudando bastante, a fim de se habilitar para servir melhor. Jacqueline é uma grande menina. Tem estendido aos pais queridos toda a proteção que se lhe faz possível e comunica tranqüilidade e otimismo onde se apresenta.

E, assim, a vida corre nos patins do tempo e somos compelidos a trabalhar e a descobrir-nos, tanto aí quanto aqui.

Mãezinha, o amigo Fernando Laguardia⁴ está muito bem. Já me visitou algumas vezes e sou eu quem lhe deve muitas atenções.

Desejava continuar nesta carta, mas não sei por que razão tenho hoje a garganta como que engasgada de emoção. Dizem que isso apenas acontece a quem fala, mas sucede também com quem escreve.

Mãezinha Therezinha, fique feliz ao lado do papai Hélio e de todos aqueles que se nos fazem tesouros de amor na vida. Lembro-me de nossas comemorações em casa e estou sentindo o gosto inesquecível do bolo cercado de luz.

Acho que hoje estou no papel do palhaço que chora sem querer e ri sem se conscientizar quanto a isso. Suponho que já sabem que isso é infecção de saudade no pensamento. Este diagnóstico deve suscitar estranheza a qualquer médico, mas o assunto é nosso e esta circunstância me reconforta.

Querido Papai Hélio e querida Mãezinha Therezinha, entrego-lhes extensivamente à nossa querida Sheila e a todos os nossos familiares queridos os meus melhores sentimentos de rapaz que está crescendo em compreensão e mais amor. Deus nos proteja e abençoe a todos.

Com vocês, corações abençoados de

4) Amigo da família, desencarnado em Barbacena, a 21 de novembro de 1980.

meu coração, os beijos num grande abraço do filho
e companheiro de sempre.

Carlos Henrique
CARLOS HENRIQUE BRANCO RODRIGUES
17.ABRIL.1982

IV

Querida Mamãe Therezinha, sentindo a presença do papai conosco, através das forças mentais que se derramam da lembrança, venho trazer-lhe o meu abraço. Nem poderia ser de outro modo.

Reflito nos bolos festivos que o seu carinho me fez e lamento a impossibilidade de retribuir-lhe com um bolo de alegria e de luz que as suas queridas mãos pudessem repartir com todos os amigos desta reunião fraternal.

Dia 17, amanhã mesmo, você estará colhendo mais uma rosa no jardim do calendário. Não falo em tempo contado de cartório porque você é a minha estrela e dizem que as estrelas não têm idade.

Comigo se encontra a vó Esther de Mello que veio abraçá-la e o meu avô Chico Rodrigues.

E pasme a sua bondade se eu lhe disser que tem mais alguém. É o Cláudio Almeida Figueiredo Filho que fez questão de vir em nossa companhia trazer-lhe felicitações.¹

1) Cláudio Almeida Figueiredo Filho, amigo de Carlos Henrique, faleceu em junho de 1982, no Rio de Janeiro.

Não me refiro à nossa estimada Jak² porque sei que ela se encontra em estudos especializados e não a vejo desde muito.

Peço-lhe, porém, fazer-nos lembrados à nossa Sheila, que nos tem doado muita alegria, buscando cultura para ser mais útil aos outros.

Pois é, Mamãe Therezinha Madalena, que você seja muito feliz são os nossos votos.

Sei que o papai tem estado indisposto de algum modo e formulo votos ao Senhor da Vida para que ele esteja cada vez mais forte.

Aqui, mãezinha querida, estou chegando ao ponto final, embora deseje prosseguir conversando, mas a noite não é somente nossa e já surpreendemos companheiros compreensivelmente sonolentos desejando que não nos alonguemos em demasia. E estão certos. Em outra hora, voltaremos ao nosso intercâmbio.

Muito carinho ao Papai e a todos de nossa afinidade e conhecimento.

Renovando-lhe os meus votos de muita alegria e assinalando o meu esquecimento do poste que nos atropelou no Rio, lembrança essa que sei lhe fará feliz, beija-lhe a face querida o seu filho do coração,

Carlos Henrique
CARLOS HENRIQUE BRANCO RODRIGUES
16.ABRIL.1983

2) Referência carinhosa a Jacqueline, desencarnada no mesmo acidente que vitimou o Carlos Henrique.



CARLOS ALBERTO ELISEI

Filho único de Edson Elisei e Elvira Martins Elisei, Carlos Alberto nasceu em São Paulo-SP, a 5 de junho de 1957 e faleceu na capital paulista às vésperas do Natal de 1977, no dia 18 de dezembro.

Com vinte anos, deixou-nos, vitimado por metástase cerebral de melanoma que havia extirpado dez meses antes.

A respeito do filho, assim se expressou a mãezinha, quando de nossa entrevista:

“Nossa vida era um mar de rosas; Carlos Alberto, um filho maravilhoso, muito querido de todos. Trabalhava na metalúrgica do pai e estudava Eletrônica.

Entre ele e o pai havia uma estreita amizade; estavam sempre juntos, não havia noite em que não conversavam, passando a limpo as novidades do dia.

Fomos a Uberaba, para conversar com Chico Xavier, na esperança de receber algum recado de nosso filho, pelas mãos amigas de D. Yolanda Cezar a quem dedicamos eterna gratidão.

A mensagem que o Cá nos mandou, através do Chico, nos fez viver, abriu em nossa vida uma luz imensa. Hoje, buscamos trabalhar na Seara do Mestre, ajudando e procurando compreender nosso semelhante.

Tenho absoluta certeza de que não só meu filho, mas todos os filhos que partem continuam vivos.”

I

Querida Mamãe Elvira e querido Papai Edson, peço-lhes a bênção de sempre que me resguarda o coração para Deus.

Embora várias vezes tenha procurado transmitir aos pais queridos a certeza de que prosigo vivendo, confirmo nas palavras que escrevo tudo quanto tenho desejado dizer.

Mãezinha Elvira, sei quantas lágrimas lhe nasceram do coração com a partida inesperada a que tive de obedecer.

Creiam os queridos pais que naquelas horas de hospital, fiz tudo para articular a conversação que tanto esperei efetuar. Consequia registrar o que se falava em torno de mim, escutar os mínimos sussurros, no entanto, a palavra era um instrumento que eu já não conseguia manejar.¹

Pensava em todos os nossos e especialmente os pensamentos da vovó Maria José Pina² me preocupavam, porque sabia que ela se achava abatida e doente, mas foi impraticável qualquer tentativa para o nosso diálogo.

1) Carlos Alberto permaneceu dez dias em coma, no Hospital.

2) Avó materna, desencarnada no ano seguinte ao da partida de Carlos Alberto, a 1.º de setembro de 1978.

Notava-lhes a tristeza que se espelhava no coração e sentia em mim tudo o que experimentavam, em matéria de aflição...

Observei que o Papai se inclinava sobre mim como a buscar-me as últimas frases que eu pudesse dizer, contudo, uma voz interior me solicitava paciência e aceitação da vontade de Deus.

A dor moral superava as dores físicas pela minha impossibilidade de comunicação, entretanto, chegou o instante em que me entreguei, de todo, ao Eterno Pai e roguei a Jesus fizesse de mim aquilo que estava nos Desígnios do Mais Alto. Foi quando me senti longe, qual se forças imensas me conduzissem para local diferente...

Um alívio inesperado me banhou os sentidos e dormi profundamente.

Quanto tempo gastei nesse repouso inconsciente, ainda não sei, mas ao despertar, com evidentes melhoras, foi o padrinho Antônio Guerra a primeira pessoa a abraçar-me. Confesso que surpresa era para mim alegria e sofrimento, porque não me restavam dúvidas, quanto à realidade...³

Quisera tanto haver regressado a nossa casa para retomar a nossa vida tranqüila e, constrangido, reconheci, de chofre, que passara a outro gênero de vivência.

O padrinho Antônio, de cuja fisionomia me lembrava, principalmente nos retratos, recon-

3) Seu padrinho, Antônio Rodrigues Guerra, faleceu em 1970.

fortou-me, comprometendo-se a auxiliar-me...

E, depois de conscientizado em minha nova situação, senti que a dor e a saudade dos pais queridos, da vovó e de todos os nossos, doíam em mim com o rigor de feridas que me fossem abertas no coração...

O tempo passou rápido entre o meu despertar e a chegada da vovó Maria até nós e misturando felicidade e pranto, esperança e amargura, tenho procurado melhorar-me, a fim de lhes ser o filho, na Espiritualidade, que não pude ser na Terra.

A vovó Maria Elisa nos tem tratado, à vovó e a mim, como sendo novamente seus tutelados aqui e venho pedir-lhes confiança em Deus e confiança na vida.⁴

Querida Mãezinha Elvira, quanto lhe seja possível, auxilie-me com a sua coragem no trabalho do bem aos outros. O seu coração querido e o querido coração de meu Pai possuem outros filhos que necessitam de apoio, agora mais do que eu mesmo...

Não se deixem anular pela influência da Saudade que permanece entre nós, porque é possível transformar a saudade em serviço aos nossos irmãos que sofrem.

Quanto puderem fazer em auxílio aos outros, farão a mim próprio, de vez que fazendo de

4) Maria Eliza Madeira Pina, bisavó materna, no Plano Espiritual desde 1955.

nossos companheiros menos felizes, parte integrante de nossa família, a nossa família, em nome de Deus, estará conosco em toda parte.

O tio José Martins e a tia Maria⁵ estão igualmente agindo em nosso auxílio e falta-me vê-los mais profundamente consolados, a fim de que o equilíbrio, de tudo, me favoreça.

Meus estudos não foram interrompidos,⁶ porquanto aqui as escolas nos admitem no grau de conhecimento em que estejamos e, por isso mesmo, espero prosseguir em minha formação para atividades espirituais, em trabalho de utilidade junto dos homens, de maneira a não desapontá-los.

Peço-lhes para aceitarmos a nossa prova com serenidade e paciência. Não houve qualquer erro de meu tratamento, nos poucos dias de internação hospitalar. A verruga⁷ era uma cortina pequena, ocultando uma situação grave que deveria terminar no ponto exato daquele dezembro em que o nosso Natal se fez amargo e triste.

Estejam, porém, na certeza de que vou melhorando sempre e é com a fé viva em Deus que lhes peço para aguardarmos tempos cada vez melhores para nós três.

5) José Martins, tio de D. Elvira, genitora de Carlos Alberto, faleceu em 1954. Tia Maria, Maria Raimunda Elisei, desencarnou em 1965.

6) Oportuno lembrar que Carlos Alberto foi colega de Curso Primário, no Colégio Nossa Senhora de Lourdes, do bairro da Água Raza, em São Paulo, do nosso Wadyzinho, autor espiritual de Jovens no Além, Somos Seis e Venceram, livros editados pelo GEEM.

7) Referência ao melanoma, tumor maligno de pele que extirpara meses antes da complicação metastática.

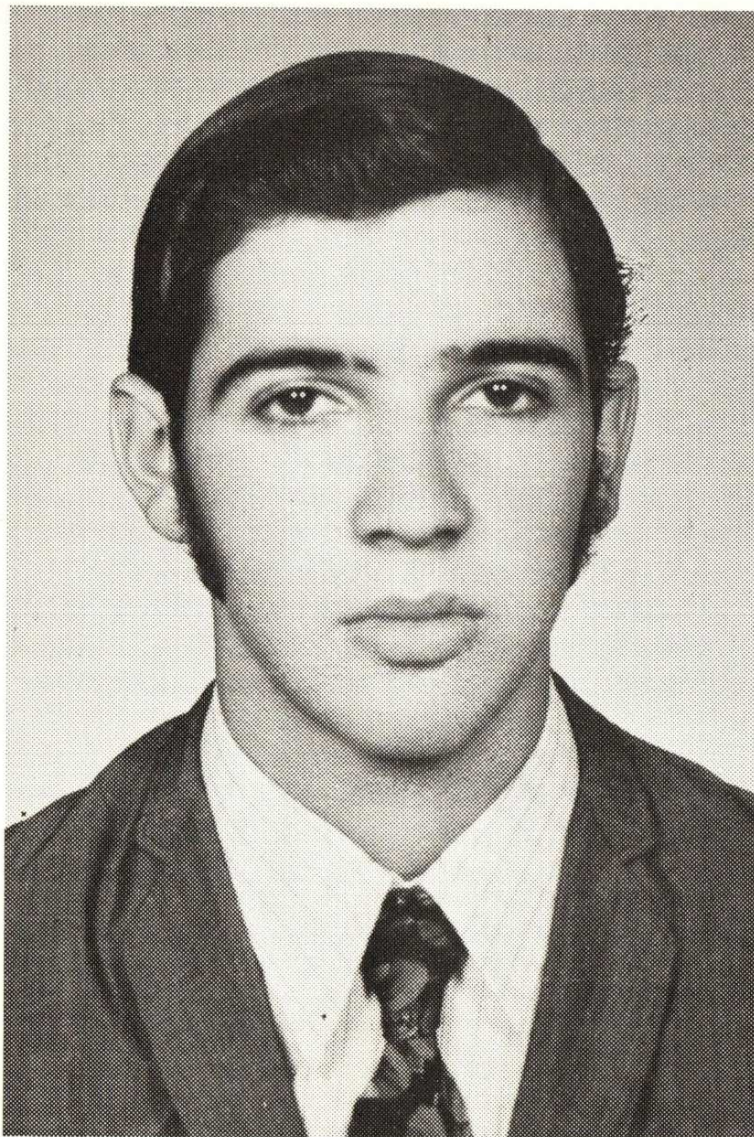
Querido Papai, não acredite que me perdeu, porquanto, sou o seu filho de sempre, na expectativa de crescer em conhecimentos e qualidade para servi-lo. O meu tempo seria realmente curto, como foi e não há motivo para nos queixarmos das leis de Deus. Espero que a paz continue conosco, orientando-nos a vida.

Estimaria prosseguir, mas o padrinho Antônio me recomenda terminar. É o que faço, deixando-lhes o meu coração reconhecido, com lembranças a todos os nossos entes queridos.

Na esperança de retornar ao nosso intercâmbio, reúne os dois num abraço de coração para coração, o filho sempre grato que, em nome de Jesus, lhes pertencerá sempre com as melhores esperanças e com os melhores ideais.

Recebam, pais queridos, todo o amor e a infinita gratidão do filho que lhes viverá sempre no coração, de vez que os tenho, em todos os dias, por dentro de minha alma.

Carlos Alberto
CARLOS ALBERTO ELISEI
29. OUTUBRO. 1981



ORLANDO ANTÔNIO LAZZARO

Paulistano do Brás, filho de Orlando Lazzaro e de Maria Rojas Marquez Lazzaro, Orlando nasceu a 12 de junho de 1954. Completava ainda sua escolaridade secundária no Ginásio Estadual Augusto Bailot de Arthur Alvim, na capital paulista, quando desencarnou, por afogamento, no dia 16 de abril de 1972, aos 17 de idade.

A respeito da carta mediúnica do filho, a mãezinha, disse-nos o seguinte:

“Significou para mim a mesma alegria de ter tido um filho. Foi o presente maior que recebi, depois do nascimento de meus filhos.

Tranqüilizou-me, deu-me coragem, pois eu queria acabar com minha vida naquela época.

Depois do seu recebimento, a vida foi bem diferente. Tive ânimo para dar conforto a outras mães e já me sinto bem mais preparada.

A mensagem do meu filho foi de um conforto fora de série; foi a coisa mais linda que Deus me poderia ter dado.

Agora, faço muito mais caridade que antes e já não penso em suicídio.”

I

Querida Mãezinha, rogo a sua bênção. Estou fraco e quase sem coragem.

Suas lágrimas, seu sofrimento, seus apelos, suas tribulações por minha causa, querida Mãe, ainda me tolhem os passos.

Conto os dias de sombra e tristeza...

Setecentos e oitenta e seis - faz hoje...

Será isso mesmo? Se a memória falha, é porque o coração está ainda muito aflito!...¹

Auxilie-me a libertação.

Mamãe, eu desejaria mostrar-lhes o que vem a ser a prisão das lágrimas depois que a gente deixa o corpo na Terra para uma pessoa inexperiente, assim qual seu filho!... Mas não posso.

Creio que tenho dor suficiente para contar como é isso, entretanto, não tenho palavras que expliquem essa dor. Sei, porém, que o seu coração se renovará para renovar-me.

Lembre seus cuidados para ver se eu dormia, para verificar se havia tomado o meu lan-

1) A mensagem foi recebida pouco mais de dois anos depois da partida do jovem.

che pela manhã, se estava livre de alguma dor de cabeça e se eu estava com notas melhores no estudo...

Lembre tudo isso, querida Mãezinha, e não pense mais naquele quadro - a lagoa e nós ou a lagoa e eu...

Tudo sucedeu como devia suceder. Os companheiros não conseguiriam socorrer-me ou salvar-me do fim...

Não foi afogamento.² Senti um esmorecimento no corpo todo e não vi coisa alguma, a não ser que acordava com tantas medidas perto de mim. Eu estava, porém, dormindo e acordado. O corpo dormia perto e eu mesmo, sem nada compreender, estava rente a ele.

Por fim, era tanta perturbação em minha cabeça que tentava entender sem possibilidades para isso, que caí num desmaio...

É tudo o que posso dizer, até que esbarrei no hospital em que me vi para depois voltar a casa a fim de tentar consolá-la...

Meu avô Romano, meu grande avô Rojas e outros amigos responsabilizaram-se por seu filho³ e fiquei em nosso lar, buscando remediar o sofrimento, mas até agora tudo tem sido em vão.

2) Segundo relato da genitora, provavelmente Orlando teve uma crise epilética, quando nadava, o que provocou o seu afogamento. Pouco depois do acidente, ela mesma constatou que o filho não tomara medicação anticonvulsivante naquele dia.

3) Romano Lazzaro, avô paterno, desencarnado em 1960, com 72 anos e Pedro Rojas Gil, avô materno, falecido na Espanha há mais de seis décadas.

A senhora me procura, mas não me ouve na faixa de consolação e fé, na qual precisamos promover o nosso encontro; meus retratos lhe trazem a revisão da prova em que nos vimos e o abraço de meus companheiros lhe impõe martírio que não consigo reproduzir com as palavras de que disponho.

Mãezinha, não chore mais. Pense em Gilmere, em nosso Ogilvie⁴ e em meu pai, tanto quanto em nós todos que necessitamos de sua dedicação. Não creia que forçar as portas da morte seja facilitar reencontro. O sofrimento com aflição complica os nossos problemas.

E, ao dizer isso, não posso desconhecer seu carinho e seu sacrifício, sua abnegação e sua renúncia. A senhora, Mãezinha, vive e vive cada vez mais por nós. Deixe que seu filho possa viver agora para compreendê-la melhor e ajudá-la com segurança.

Ainda não pude libertar-me daquelas recordações de Aracaré...⁵ Quando penso que estou livre, noto o seu sofrimento e não sei se continuo com a morte num lago de pranto - o pranto que nós dois temos chorado incessantemente.

A vida recomeça, Mamãe querida. Existe um mundo novo para nós, tanto quanto surge um novo dia para depois de cada noite.

4) A irmã, Gilmere Lazzaro dos Santos e o irmão, Ogilvie Lazzaro.

5) Local onde desencarnou, no município de Itaquaquecetuba, próximo da capital paulista.

Transformemos as saudades em orações e tarefas nobres.

Ajude-me. Ouvi as suas preces ao promover esta viagem. Escutei seus votos, seus rogos e tanto pedi estes minutos que os recebi para confortá-la.

Peço-lhe! Já que as energias de seu filho são ainda poucas, não espere muitas palavras em meu pedido. Auxilie-me! Deixe que a luz fique conosco sem mais sombras. Oremos juntos, mas em pensamentos de paz e de esperança.

Agradeço a simpatia e a cooperação de nossos vizinhos e estou grato aos corações que lhe estimularam a vinda até aqui.

Mãezinha querida, meu pai ainda sofre e se procura resguardar a saudade que experimenta é para não agravar os seus sofrimentos. Agradeço a ele e beijo-lhes as mãos.

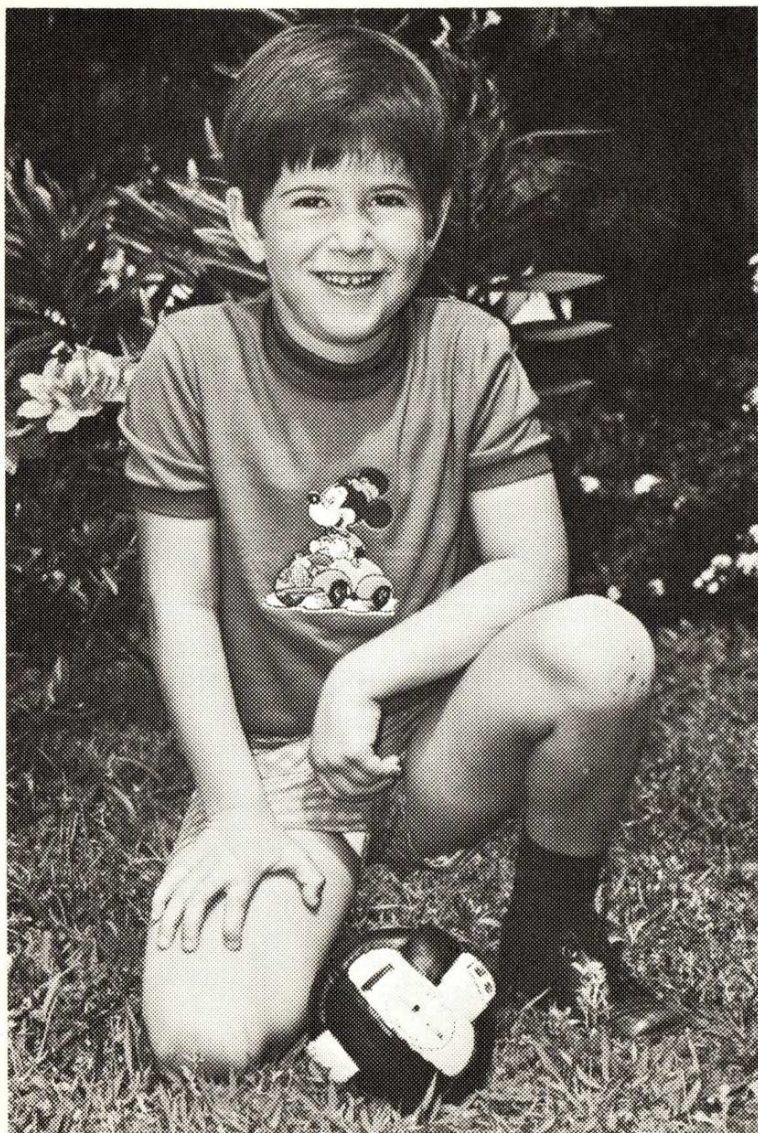
Não consigo escrever mais. A névoa de nossas lágrimas volta a mim quando a lembrança é mais forte e eu, Mãezinha, estou sorrindo e chorando, porque posso escrever-lhe...

Prometo. Farei tudo para estar ao seu lado. O nosso amor em família é uma luz de Deus. Abrace por mim aos irmãos e aos amigos sempre lembrados e, se lhe posso dar alguma coisa, entrego-lhe o meu coração de filho que, a todo dia se ilumina mais e sempre mais, ao pensar que pertence ao seu maternal coração.

Ao seu lado, Mãezinha querida, com

você e por você, hoje e sempre, a gratidão e o amor de seu filho reconhecido,

ORLANDO
22.JUNHO. 1974



EDUARDO ZIBORDI CAMARGO

Dudu era o segundo filho do casal Flávio Camargo e Elza Zibordi Camargo, quando desencarnou, aos sete anos incompletos.

Hoje, além de Flávia, a família se enriqueceu com o nascimento de Daniel e de Álvaro, este não citado pelo Dudu nas duas mensagens que aqui apresentamos, pois, quando da sua recepção, ainda não havia reencarnado.

Natural de Santa Rita do Passa Quatro, Dudu nasceu a 25 de junho de 1966 e faleceu em São Paulo, no Hospital Samaritano, a 6 de fevereiro de 1973.

A agonia, a dor, e também a esperança e a alegria do reencontro com o filhinho querido, podemos sentir, com muita evidência, nas palavras de seu pai, o Dr. Flávio Camargo:

“Após a desencarnação de nosso filho DUDU, no Hospital Samaritano, dias depois da intervenção cirúrgica feita pelo Dr. Matos Pimenta, ficamos em situação de grande inquietação e desequilíbrio, fazendo íntima e constantemente a pergunta: - Por que isso acontece? Por que merecemos tal castigo? Por que tanta dor e tamanha tristeza?

Até essa ocasião, éramos católicos e mesmo participávamos de cursos para jovens - TLC - proferindo palestras e encontros.

Algum tempo havia escoado, quando através dos amigos, Brasil Paulista da Silva Prado e sua esposa, D. Nair (casal espírita de nossa cidade), fomos levados até Uberaba-MG. para uma visita a Chico Xavier.

Assim foi nosso encontro com o Chico: recebidos pela singular figura do Médiun Mineiro, este, minutos após nos ver, proferiu as seguintes palavras, ditas sem que sequer soubesse de nossa desdita:

- “Meus filhos, esses casos de cirurgia de “tumor cerebral” são resgates que pedimos e quase sempre significam final de provas, levadas a efeito em virtude de erros que cometemos em vi-

das anteriores.”

Ficamos atônitos!

Disse mais:

- “Não se entristeçam, pois a separação é apenas material, ele (o Dudu) vive e estará sempre com vocês, pois a Vida Espiritual é eterna e, um dia, vocês estarão novamente reunidos.”

Um grande bálsamo consolador havia jorrado em nossos corações, dando ânimo e força para continuarmos nossa jornada.

Tudo se consolidou ainda mais, após o recebimento de duas missivas, através do correio mediúnico. Lutamos ainda, é verdade, com a dor da saudade, porém, convictos da temporariedade desta situação, e de que tudo faz parte de um plano maravilhoso que visa nossa evolução espiritual, rumo à felicidade que todos desejamos.”

Flávio Camargo

I

Minha querida Mãezinha, meu querido Papai. Estou há dois meses preparando estas notícias, com o auxílio de meu avô Degardo.¹

Agora, estou pensando e as mãos dele estão sobre as minhas, dando forma ao que desejo dizer. Diz ele que é meu avô Hildegardo e diz que me auxilia, mas quem dá forma às palavras sou eu mesmo.

Ainda estou assim diferente, às vezes querendo dormir muito, mas estou mais alegre, porque vocês voltaram a fazer de nossa casa o jardim de paz e felicidade que sempre foi.

Logo que cheguei aqui, chorava muito, porque ouvia vocês e todos em casa me chamando.

Acordei num quarto muito claro e muito agradável, desde que me vi por fora do Hospital, mas sentia muito frio, apesar do ambiente de conforto.

Pensei que estava em casa de alguma pessoa nossa ao sair do sono longo em que me vi de um instante para outro e gritei por papai, por vo-

1) Hildegardo Zibordi, bisavô falecido em 1956.

cê, Mãezinha, gritei muito, até que a enfermeira perto de mim trouxe um amigo que me falou ser também meu avô - o meu avô que está aqui comigo. Ele me abraçou e me disse para descansar...

Prometeu que o meu tratamento iria trazer melhoras e que eu não gritasse para não machucar a cabeça.² Aqueles olhos eram os nossos olhos. Falavam do carinho e do conhecimento de nossa casa.

Meu avô sentou comigo e me disse que estaria ao meu lado, pedindo para que eu tivesse calma e confiança para dormir.

Chorei baixo para atender, mas estava triste... Vocês não apareciam e eu queria vocês comigo.

Depois desse encontro, dormi e depois acordei com frio. Depois eu soube que eram as saudades e as lágrimas em casa.

Estava ligado a vocês todos e, à medida que ficava obediente ao meu avô e à enfermeira, descobri que ouvia as palavras de vocês dentro de mim.

Você, Mãezinha, me chamava tanto e você, meu querido Papai, conversava tanto comigo que me assustei... Aí é que fiquei sabendo que o frio era a nossa ligação de tristeza. E quanto mais frio experimentava, mais voltava a dor na cabeça.

Pedi para ver o Doutor Pimenta, querendo falar com ele. Até aí, eu não sabia que meu

2) Dudu desencarnou após cirurgia para retirada de tumor cerebral

avô Degardo estava comigo em outra vida. Os médicos que me vinham ver em silêncio, dois deles, sorriram com meu pedido e prometeram trazer o Doutor Pimenta.³

E entre melhoras e pioras, minha situação foi passando, até que pude ir em casa, em nossa casa mesmo. A tristeza estava conosco, mas a luz da confiança começou a brilhar.

Já sabia que estávamos separados e busquei conformar-me. Comecei a aprender que a minha impaciência levava sofrimento para vocês e procurei conformar-me.

Revi todos. Beije tanto vovó Henriqueta e vovó Lourdes, abracei Flavinha e com vocês dois revi tudo, mas ninguém me via nem ouvia.⁴

Custei muito a compreender as cousas, mas estou forte. Agora nossa casa ficou alegre outra vez.

O Daniel é um garoto muito amigo e já temos uma confiança maior no futuro. Flavinha e o nosso querido irmão estão conosco, renovando a nossa esperança.

Estou bem. Só tenho muitas saudades, mas vamos trabalhar pelas outras crianças.

Mãezinha, fique feliz. Papai fique alegre. Muita gente não acredita que vivemos em outra vida, mas eu não sei porquê.

3) Prof. Dr. Aloysio Matos Pimenta, neurocirurgião de São Paulo que operou o Dudu.

4) Henriqueta Giarretta Camargo, avó paterna e Lurdes Zibordi, avó materna. Flavinha, sua irmã, Flávia Zibordi Camargo.

Não se preocupem e cultivemos carinho e amor por todos. Ontem completamos um aniversário de separação. Será isto mesmo? Penso que sim, porque não mais vi vocês depois de haver dormido com a bênção que me deram até que pudesse rever vocês, há tempos.

Parece tanto tempo, quando nos separamos e ficamos longe uns dos outros, no entanto, quando estamos mais juntos, como acontece aqui, tudo parece que foi ontem. A alegria da união apaga o poder do tempo e o amor vence a morte. Esta palavra "morte", eu ouço quando volto ao nosso ambiente, mas onde estou ninguém fala ou pensa nisso.

Nossa escola é um parque marcado de fontes e de flores. Céu azul e muita beleza em tudo. Paz e ensinamentos. Graças a Deus, estamos amparados.

Há muitos companheiros que choram ainda muito, eu não. Eu não choro mais, porque vocês, também, não choram mais. Temos mães que não são nossas, mas que são carinhosas e protetoras.

Nós, os meninos maiores e mais corajosos, já conseguimos trabalhar ajudando a distrair os pequeninos.

Mãezinha, Paizinho, agradeço a todos o bem que me fazem com as preces e as lembranças. Deus recompense a vocês por toda a felicidade que me enviam com os pensamentos de paz e de esperança.

Aqui, comigo, o meu avô e o meu tio abraçam vocês.

Agora, devo terminar. Comecei a lembrar e comecei a sentir muito quanto passou. Podem ficar tranquilos. Estou melhorando sempre. E estou crescendo para estar com mais utilidade junto de vocês. E estou aprendendo também a trabalhar pelos menores do que eu, na idade em que voltei para cá.

Estou contente por escrever a vocês e coloco o meu coração no coração de vocês dois. Muitos beijos do filhinho sempre mais de vocês e cada vez mais com vocês.

Sempre com o carinho e com muito amor do

DUDU

02.FEVEREIRO.1974

II

Pais queridos, meus queridos Paizinhos.

Começo esta carta, pedindo a bênção de Deus para nós todos.

Se o amor fosse tinta e se a saudade fosse uma pena, creio ser esse o meio que me expressaria o coração. Amor e saudade formando um fio pelo qual todos os meus sentimentos conseguissem sair de mim para você, papai, para você, Mãezinha, para a Flávia e Daniel, para todos os nossos, enfim...

Não se preocupem com o que digo. Que filho não sentirá falta do lar onde se acolheu para nascer, assim como o pássaro que voa e voa, mas sempre sem perder o rumo do ninho?

Nossos Benfeitores aqui sabem tudo isso. Meu querido avô, aqui comigo, compreende.

Que a nossa mansão de paz e de instrução é linda, não vacilo em reconhecer, que os protetores são apoios de luz e carinho, sou o primeiro a observar; que as flores que nos cercam lembram estrelas que fulgem no solo é a pura verdade e que a nossa união é uma festa constante, é o que vejo em toda parte.

Entretanto, quanto mais amadureço na compreensão e quanto mais recebo dos que nos protegem e nos abençoam, em nome de Deus, mais me recordo dos meus pais e dos irmãos com os entes queridos e, quanto posso, regresso à casa e às nossas preces para respirar em nosso ambiente, como quem anseia encontrar a função de sustentar a chama de nossa fé...

E ao fazer isso, Mãezinha, encontrei igualmente os que se acham na ventania cujas lâmpadas de esperança se apagaram na tempestade.

Ninguém me mandou ver isso. Sou eu mesmo, o Dudu de você e de meu pai que, com saudade de vocês, procurei por meus paizinhos queridos e encontrei os outros que também se desorientam nos caminhos da Terra, por falta de fé e por ausência de amor, embora o amor de Deus, à maneira do Sol, nos cerque em todos os lugares.

Encontrei os pais desolados que buscam os filhos nas pedras do mundo, derramando lágrimas sobre as cinzas e achei os filhos que perderam os pais e caminham na Terra sem direção.

Conheci outros, além deles:

os doentes que esperam a morte em meio da solidão;

os que cruzam as estradas sem equilíbrio para saber onde o lugar de tratamento e repouso;

os cansados de sofrimento que pen-

sam fugir da vida pela porta das trevas;

os que passaram por lutas cruéis e escaparam delas, mutilados e abatidos, sem coragem de retornar à estrada que lhes era própria;

os que tombaram nas grades da corrigenda e choram por falta do lar de que se esqueceram;

os que possuindo, às vezes, os melhores recursos da Terra se sentem desvalidos de paz;

os que se amedrontaram diante da escola que Deus nos concede no mundo e querem anular as próprias forças, através de venenos suaves que lhes corroem o corpo e conturbam a alma;

e abracei centenas de pequeninos que suspiram por leve bênção de afeto, a fim de sobreviverem...

Quando conheci tudo isso, foi como se meu coração rebentasse numa fonte de anseios... Anseios de trabalhar, de fazer qualquer coisa que ajude, que alivie...

E foi com vocês, meus paizinhos queridos e com os amigos que nos assistem, que pude descobrir os instrumentos de ação.

Vocês me ouviram e estou quase completamente feliz se não fosse a saudade que deve, por enquanto, estar entre nós por agulhão que nos mantenha em serviço.

Trabalhemos pelo bem de quantos nos compartilham as experiências na Terra.

Mãezinha, não esmoreça. Suas facil-

dades mediúnicas são talentos de Jesus.

Uma frase de reconforto, uma página de bom-ânimo, um bilhete de esperança, essa ou aquela mensagem, mesmo de poucas palavras, que nasça de suas mãos, são pétalas de amor do jardim de Jesus para benefício do mundo.

A nossa família, papai, cresceu muito e crescerá muito mais, com o amparo da Divina Providência. Não nos cansemos de agradecer aos Céus o privilégio de trabalhar para servir.

Lembro-me de nós dois no carro, na estrada da preparação de ontem para as tarefas de hoje e reconheço que presentemente seguimos no carro de Cristo na viagem de volta ao Reino...

O Reino de Deus, porém, meu pai, é o Reino do Amor e da Felicidade para todas as criaturas. Nosso lugar no carro há de ficar maior e seu filhinho estará com você e com minha Mãe para receber os que seguirão conosco. Não receemos dificuldades, porque Jesus providenciará em nosso favor.

Estejamos no serviço dele e o Senhor promoverá a solução de todos os nossos problemas, porque auxiliando aos outros estamos protegendo a nós mesmos. Assim será sempre.

Agradeço aos irmãos queridos aqui presentes conosco a bondade com que nos auxiliam. Brasil, Nair, Margarida - três tesouros de fraternidade e carinho que nos garantem tantas bênçãos e tantas alegrias e os outros que ficaram em

Santa Rita¹, são todos eles nossas alavancas de cooperação e segurança.

Ouçamos as vozes dos que nos conduzem para a luz bendita da união e trabalhemos, continuando a servir...

Queria escrever muito, mas vovô me diz que as lágrimas também falam, por isso não consigo continuar...

Choro, meus pais queridos, porque estar com vocês é realmente ser feliz. Sou feliz com o pranto da alegria. Estava com muitas saudades de escrever assim uma carta longa...

Mas, chego ao fim de meus recursos para as notícias de hoje e noto que não falei tanto de carinho e gratidão quanto desejava. A prece, porém, é o meu refúgio de solução e oro pedindo a Jesus nos mantenha em sua Paz.

Paizinho querido e querida Mãezinha, a irmã que nos protege as tarefas mediúnicas, em Santa Rita está conosco e se faz lembrada, deixando-lhes um abraço.² E eu, com o meu reconhecimento a todos, com o vovô, deixo aqui todo o meu coração.

Sempre o filho reconhecido, no carinho de sempre,

DUDU

14. OUTUBRO. 1974

- 1) Brasil Paulista da Silva Prado, sua esposa, Nair de Souza Prado e Margarida Magnabosco, amigos de Santa Rita do Passa Quatro. D. Margarida deixou o Plano Físico a 07 de janeiro de 1976.
2) Irmã Cecília, Guia Espiritual da genitora do Dudu.



Fernanda Luíza aos 11 de idade.

FERNANDA LUÍZA BATISTA DOS SANTOS

A jovem, quase adolescente, Fernanda Luíza Batista dos Santos nasceu em Franca-SP, a 3 de junho de 1967, aí desencarnando com 13 anos, no anoitecer de 29 de outubro de 1980 para amargura de seus pais, Mauro Baptista dos Santos e Maria Aparecida Gatez Santos e dos irmãos, Walter João, Anita e Aparecida Helena, da madrinha Glória que reside com a família e, por que não dizer, de toda Franca que pranteou a partida de sua estrela meiga e bela.

Como testemunho de sua beleza e da eternidade da vida, numa homenagem póstuma à Franca que tanto a amou, de sua sepultura, segundo as palavras maternas, “mina uma água qual se fosse de fonte e muita gente diz alcançar graças com ela...”

A respeito da carta mediúnica da filha, recebida seis meses após a partida, a mãezinha, D. Maria Aparecida assim se expressou:

“A mensagem de minha filha ajudou-me a ter a certeza de que um dia nos encontraremos novamente e este é o meu maior desejo. Vivo cada dia à espera de uma segunda mensagem, se o bom Deus permitir. Nosso amado Chico Xavier conseguiu reanimar toda a nossa família.”

I

Querida Mamãe Aparecida, abençoe a sua filha, perdoando-me o desequilíbrio a que me entreguei, sem pensar na dor que lançava em meu próprio caminho.

Sou trazida até aqui pela vovó Maria Honorata porque, por mim própria, não conseguiria vir.¹

Sei que alterei a família toda com a resolução infeliz.

Querida Mãezinha, você e o papai Mauro me perdoarão se procurei aquela arma propositadamente. Aproveitei o ruído daquele mesmo aparelho de som que a sua bondade me deu com sacrifício para liquidar comigo!

Ninguém conseguirá imaginar o sofrimento da infeliz menina que fui por minha própria conta! Nada sabia da vida, nem guardava experiência alguma, entretanto, a idéia de me ausentar do mundo me obcecava...

Não pensei no sofrimento dos meus e nem avaliei quanto me queriam todos em casa. Um

1) Maria Honorata, bisavó paterna, desencarnada em Franca-SP, nos idos de 1942.

pequenino desgosto de criança rebelde e compliquei tanta gente...

Pobre Sam! Um amigo que nem podia tomar conhecimento de minha presença e eu a dramatizar o inexistente!²

Querida Mãezinha, reconheço que aos pais não é preciso rogar desculpas, no entanto, sinto-me de joelhos a lhes pedir para que me auxiliem, esquecendo-me o gesto alucinado...

Não sei de todo o que se passou...

Lia com interesse a tudo quanto se referisse aos casos de amor e paixão e, antes de me formar na fé, acreditei-me pessoa adulta quando não passava da menina que se afundou voluntariamente num poço de lágrimas.

Tenho recebido o socorro de vários parentes, dentre os quais me sinto mais ligada à avó Honorata, porque ainda não saí da posição de doente grave. Tenho o coração doendo e a cabeça ainda bastante desorientada. A senhora, meu pai, o Walter João e as irmãs compreenderão que não pode ser de outra maneira.

Não tenho palavras para descrever o meu arrependimento, no entanto, deixaram-me escrever-lhes estas notícias para que me alivie, de-

2) Samuel, amigo de Fernanda. Ao retornar de Uberaba, logo após a recepção desta maravilhosa carta, Aparecida Helena, irmã de Fernanda, procurou Samuel, para saber de que modo a irmã o chamava. E Samuel lhe disse que Fernanda somente o chamava por Sam. A família e muito menos Chico Xavier tinham notícia disso. Aliás, Chico jamais ouvira falar de Samuel, como dos outros nomes citados na mensagem.

sinibindo os meus sentimentos sufocados.

Rogo à Anita, à Aparecida Helena e à Glória para me perdoarem. Quando me lembrem, por favor, não me recordem como sendo o retrato de uma criança enlouquecida de arma na mão. Recordem-me nos momentos em que, despreocupada, não me intoxicara, ainda, com idéias de auto-destruição.

Preciso refazer a minha própria imagem. A vó Luíza e a irmã Ana que veio até a minha pobre presença, a pedido de nosso Carlos, muito me amparam.³

Envergonho-me, porém, de receber tantas bênçãos, quando errei calculadamente, conquanto sem conhecimento antecipado do que fazia. Agradeço as nossas amizades que, até hoje, me reconfortam com orações.

A nossa benfeitora Maria Conceição de Barros, a quem o seu carinho rogou por mim, estendeu-me as mãos e um médico de nome Doutor Ulysses, também de Franca, se compadeceu de mim por intercessão dela.⁴

3) Fernanda refere-se a dois familiares de José Carlos, marido de sua irmã Aparecida Helena; trata-se de Ana Maria Araújo Arantes e José Carlos de Castro, a bisavó e o genitor de José Carlos, falecidos respectivamente em 1970 e 1960.

Luíza Croff Krempel, desencarnada em 1962, é a avó de Glória, madrinha de Fernanda que reside com a família.

4) Maria Conceição de Barros, muito querida em Franca, foi morta, grávida, há quase meio século e seu túmulo fica pertinho do de Fernanda.

Dr. Ulysses Paiva, conceituado médico da cidade, desencarnado em 1919.

Como vê, não estou desvalida, porque a Infinita Bondade de Deus não nos abandona. Apenas ignoro como conseguirei rearticular o meu organismo agora dilapidado. A vovó Honorata me consola e busca reanimar-me.

Querida Mamãe Cida, perdoe-me e aceite-me por sua filha outra vez... Creia, Mamãe, só a cabeça perturbada e doente me faria agir contra mim própria e contra a felicidade dos que mais amo.

Não posso continuar, porque o pranto não escreve e as lágrimas me asfixiam os pensamentos com que eu desejava formar as palavras de súplica à família toda para que me recebam novamente no coração, tal qual fui antes de minha resolução infeliz. Deus nos proteja e me auxilie a retomar a tranqüilidade que ainda não tenho.

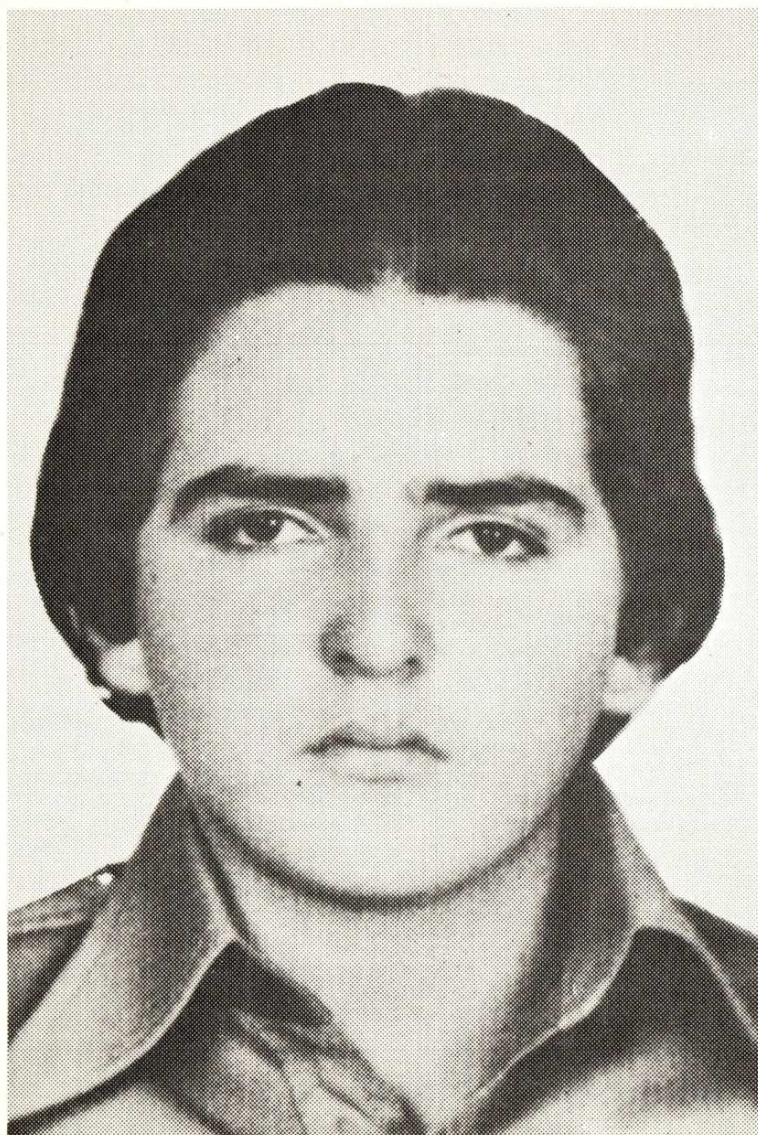
O papai e todos os meus me perdoarão com o seu apoio de mãe e eu lhe rogo, querida mamãe, para que o seu sorriso brilhe de novo para mim, a fim de que eu possa recomeçar a minha caminhada de esperança.

Perdoe-me e receba em seu colo a sua filha que é hoje a sua criança doente.

Ensina-me outra vez a pronunciar o nome de Deus com a fé que o seu carinho me transmitiu; cante outra vez para que tanta dor me permita dormir e receba muitos beijos de sua filha ainda errada e sofrida, mas sempre sua filha do cora-

ção por ser agora a mais necessitada de todas.
Sempre a sua,

Fernanda
FERNANDA LUÍZA BATISTA DOS SANTOS
25.ABRIL.1981



GEORTHON LACERDA DANTAS

Filho de Hélio Lacerda de Souza e de D. Neusa Dantas Lacerda, Georthon Lacerda Dantas é goiano da capital, onde nasceu a 3 de setembro de 1965, tendo lá desencarnado no último dia de maio de 1981.

Esportista, amigo inseparável do pai, praticava natação, motociclismo, kart e se dedicava a corrida de automóveis.

Ao falecer, cursava a 7.^a série do primeiro grau, no Ateneu Dom Bosco de Goiânia.

Em sua homenagem, como reverência da municipalidade goiana, a rua onde residia passou a chamar-se Rua Georthon Lacerda Dantas.

Deixemos que a genitora fale um pouco do Georthon e do reencontro, quase seis meses após sua partida:

“A mensagem psicografada pelo médium Chico Xavier veio nos trazer uma alegria, uma satisfação incomum, não só para mim, como para todos os familiares e principalmente para meu esposo, isto em razão da desesperação e da tristeza que havia tomado conta do meu lar, após a desencarnação do nosso inesquecível Georthon.

Graças a Deus, tudo mudou para melhor em nosso convívio familiar, sob todos os aspectos.

Todos os meus familiares, inclusive eu e meu esposo, já perdoamos de coração o motorista causador do acidente e nos sentimos preparados espiritualmente para auxiliar com palavras de conforto aos outros pais que passaram ou passam pela mesma experiência nossa.”

I

Querida mamãe e querido papai Hélio, este é um grande momento para mim.

O jovem amigo Henrique Gregoris¹ se propôs a auxiliar-me na escrita, para que eu não estivesse vacilante e aqui a família me recebe nas palavras que vou alinhando com o meu coração na ponta do lápis.

A princípio, aquele choque de máquinas foi para mim um acontecimento indescritível.

Não sei quantos metros vooi pelos ares, ante o choque da máquina pesada que me atirou para diante. Mas, aquele era o momento certo para o meu regresso à Vida Espiritual.

Desmaiar, dormir um sono de pesadelos terríveis e acordar sobressaltado procurando onde me haviam colocado, foram ocorrências para as quais não me achava preparado.

De começo, julguei que estava em casa de tratamento em nossa cidade e que só me faltava a presença dos meus, no entanto, uma senho-

1) Jovem desencarnado em Goiânia, em 1976, aos 23 anos, filho de D. Augusta e de Gastão Henrique Gregoris. Henrique Gregoris já é nosso conhecido, por citações feitas em outros livros do GEEM.

ra se destacou dentre os enfermeiros que me assistiam, para dialogar comigo. Ela me pareceu, para logo, uma parenta muito querida, porque até na voz guardava profunda semelhança com a sua.

Depois de acariciar-me, na tentativa de me pacificar, disse-me que já não me achava mais em nossa casa e que me competia guardar paciência e conformação, duas atitudes difíceis para quem se reconhece acidentado e fora do ambiente doméstico.

Buscando enxugar minhas lágrimas de rapazinho estouvado, declarou-me que era a vovó Ana Dantas² e que zelaria por mim.

Bastou que a morte do corpo me tomasse as idéias, até então em dúvida sobre o meu verdadeiro estado, para que a enxergasse com o papai Hélio por dentro de mim, como se lhes trouxesse os retratos vivos no coração.

Lutei bastante, mas estou reassumindo a mim mesmo, para trabalhar e estudar aqui, onde as oportunidades de servirmos aparecem às centenas.

Mãezinha, peço-lhe muita fortaleza e resignação.

Aquele dia era o meu - o meu dia de regressar e quando reconheci que retornava à Vida Espiritual, pedi a Nosso Senhor que me fizesse um instrumento de paz e amor.

2) Bisavó materna, desencarnada no município de São Bento (PB), em 1978.

Tive a alegria de ver meu pai e o tio Alberto se abraçarem e sinto que um novo clima de beneficência está em nossa casa,³ para sair de lá em mais trabalho a favor dos que necessitam de nós mais do que precisamos.

Quero dizer ao seu coração querido, ao papai Hélio, ao Antônio Neto, à Maria Silésia⁴ que não morri e peço-lhes continuar no cultivo da paz que nos abençoa com tantas utilidades novas.

Estou muito grato com a lembrança de nomearem um novo Georthon no lar do nosso Hélio Júnior e rogo para o querido sobrinho um futuro de alegria e de amor.⁵

Querida mamãe, com a vovó Maria Glória⁶ que me recebeu nos próprios braços, tenho a comunicar-lhe que encontrei na outra avó, a vovó Carolina,⁷ muita dedicação e muito amor. Nada me falta, a não ser a presença daqueles que amo e que ficaram na vida física, mas tenho a certeza de que Jesus nos abençoará a todos, renovando-nos a força de viver.

Peço-lhe para que não chore mais, com essa angústia que chega a me queimar o coração

3) O Sr. Hélio e seu irmão Alberto ficaram 8 anos sem conversar em função de desentendimento familiar, fato muito reservado de que poucos sabiam e muito menos Chico Xavier...

A revelação de Georthon é extraordinária, pois realmente logo após sua partida os irmãos se reconciliaram.

4) Antônio Neto e Maria Silésia são irmãos do Georthon.

5) Hélio Lacerda Júnior, irmão mais velho do Georthon.

6) Bisavó paterna, desde 1954 no Plano Espiritual.

7) A vovó Carolina, tia-bisavó do Georthon, faleceu em 1910.

por dentro de mim.

A nossa Maria Silésia, o Júnior com a nova família, o Antônio Neto com o papai, estão aí precisando de sua proteção e de sua companhia e conservo a certeza de que você não esmorecerá. Tudo caminha para o reequilíbrio e com a bênção do mais Alto, tudo que é nosso, emprestado por Deus, está revivendo em nosso auxílio.

Querida mamãe, atravessaria a noite escrevendo e escrevendo, mas o amigo Henrique que me cedeu o lugar me explica que estamos aqui subordinados a horário de que não nos cabe abusar.

Por isso, agradecendo mais uma vez, tudo de belo que vocês me dedicam, rogo-lhes receber com o papai Hélio, com o tio Alberto e com os meus queridos irmãos, todo o amor do seu filho, cada vez mais reconhecendo a mim trôpego ainda.

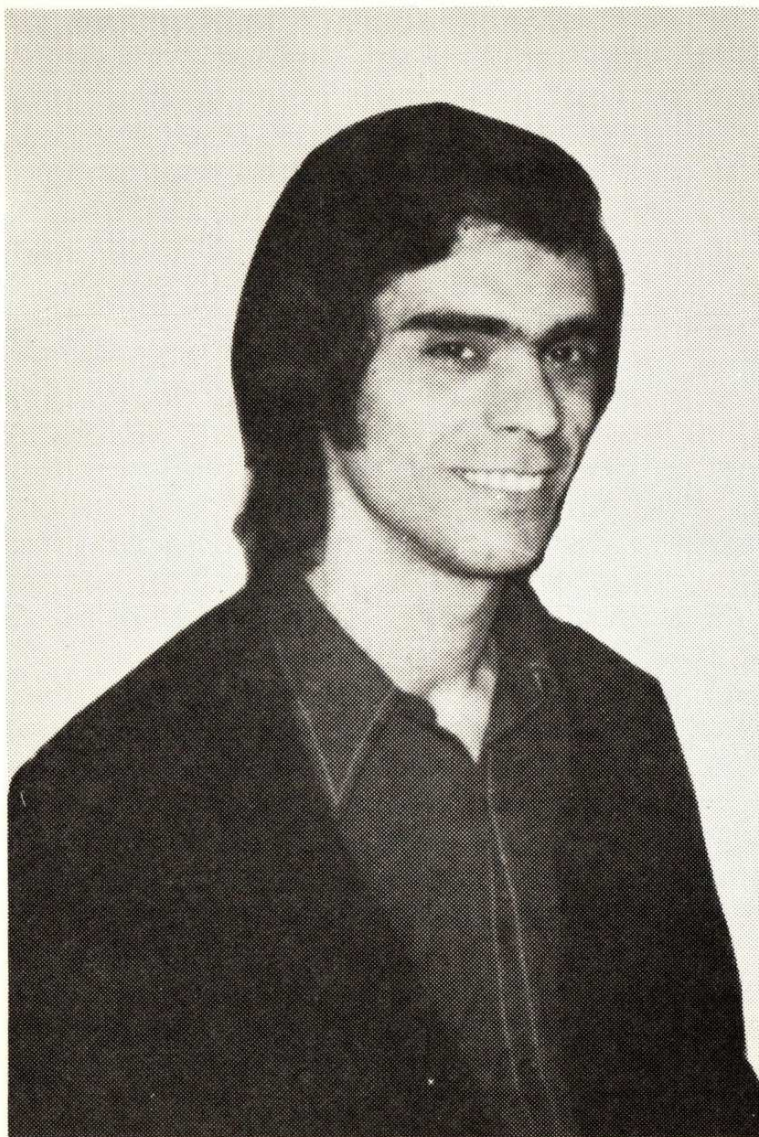
Peço ao meu pai e ao seu carinho materno não se esquecerem de que a minha moto não teve culpa alguma e que, por isso, a ela continuamos reservando muito carinho e respeito.

Agradeço a todos os meus o não incomodarem ninguém por minha causa, pois o motorista do carro que me colheu não poderia controlar a máquina, ante a velocidade natural com que transitava.

Tudo atendeu aos desígnios do Senhor e aqui fui suficientemente esclarecido para não me prender às reclamações sem razões de ser.

Mãezinha querida, mais uma vez, recebe os beijos de muito amor e gratidão de seu filho.

GEORTHON
14.NOVEMBRO.1981



SIDNEY CATARDO

O casal não tivera filhos, sonho que Sidney e D. Luzia Aparecida Mello Catardo acalentaram durante a breve convivência de quatro anos, interrompida pelo falecimento do marido, depois de ingente luta contra um processo canceroso de laringe que durara quase dois anos.

Contudo, hoje, D. Luzia é mãe SOS nas Aldeias Infantis de Poá-SP, cuidando de nove filhos, adotados pelo coração, com o acompanhamento espiritual do marido.

A beleza de tal realidade, devemos-la à sublimação da dor pelo trabalho, empreendida por D. Luzia, desde que a precoce viuvez a visitara.

Calmo, temperamento afável, resignado ante a adversidade, Sidney Catardo, filho de José e Clementina Catardo, nasceu e desencarnou na capital paulista, respectivamente a 16 de maio de 1949 e a 09 de junho de 1979, com 30 anos de idade.

Ótimo filho, excelente marido, bom colega de trabalho, tímido, carinhoso, segundo a ge-

nitona, D. Clementina Catardo, Sidney aos 3 de idade preconizara o próprio falecimento aos 30...

As suas mensagens simples, muito carinhosas, especialmente endereçadas à esposa e à mãezinha, dão-nos a dimensão de um espírito nobre e evidenciam-nos a magna tarefa a que a esposa se dedicou, com a ajuda de D. Clementina, de adotar nove crianças, reconstruindo o lar, enriquecido com os filhos que não pudera ter, engrandecendo-se, assim, aos olhos da comunidade poaense, pela dedicação e carinho de uma jovem mãe que trocou a estamenha de dor pelo trabalho em benefício dos entezinhos frágeis que a orfandade e o abandono colocaram em seu caminho.

A primeira mensagem do Sidney, pelas mãos de Chico Xavier, chegou dois meses e vinte e dois dias, depois de seu retorno à Vida Maior.

I

Mãezinha Clementina, peço-lhe a bênção.

Quero fazer desta carta-bilhete uma notícia calma que diminua as nossas saudades e nos amplie as esperanças.

Abraço-a com a nossa Luzia em meu carinho imenso e comunico-lhes que estou bem.

Compreendo a carência afetiva, à distância, das duas, no entanto, lembro-me de que a Lei de Deus foi cumprida em meu doloroso problema e estou conformado.

Graças a Deus, vencemos. Vencemos as perguntas ansiosas, as sugestões de dor, as horas de aflição, as expectativas repletas de sofrimento, em torno de remédios que não faziam efeito, o medo que nos fazia tremer, ocultando a nossa inquietação uns dos outros e, afinal, vencemos a doença e a morte.

Para quem passou por aqueles dias e noites, todos eles englobados em sombra, estas palavras de hoje são de consolo e de alegria. Graças a Jesus tudo passou.

A vovó Clementina e a Vovó Júlia¹ foram e ainda são aqui em meu favor, duas novas mães que me reconfortam.

E quero dizer à nossa querida Luzia, que, depois de Julho, a Dona Lydia² se reuniu a nós e vamos formando aqui uma ala da família que pede a Deus abençoá-los a todos em nossos recantos de harmonia familiar. Incluo o nosso Valdir e a querida equipe doméstica que ele formou, reunindo-os conosco nestas lembranças.³

Mãezinha Clementina e minha querida Luzia, muito obrigado por todo o amor que me deram, pela dedicação com que velaram por mim, pelas provas que atravessaram em minha companhia.

Jesus Reina! Um dia novo nasceu para mim e desejo comunicar-lhes a minha profunda alegria, embora esse júbilo apareça retalhado pelas lágrimas de minha saudade.

Deus as recompense por todas as renúncias e sacrifícios com que me carregaram, qual se eu lhes fosse uma bagagem de feridas que as duas guardavam de encontro ao peito, qual se fosse eu ainda o homem são que não poderia recuperar-se.

1) Clementina, bisavó materna, desde o início do século, na Pátria Espiritual.

Júlia Ferreira, avó materna, falecida em 1965.

2) Lydia de Paula Barbosa, avó paterna de D. Luzia, desencarnada em 1979.

3) Valdir Catardo, irmão do Sidney. Este, na mensagem, fala em "querida equipe doméstica, que ele formou", pelo fato de poucos meses antes desta carta mediúnica, haver nascido mais uma filha do Valdir.

Deus as mantenha felizes. Tão felizes quanto me fizeram, suscitando em mim a certeza de que o amor existe e de que Deus jamais nos abandona.

Reúno meu pai e o querido irmão nas vibrações de amor com que as reencontro e peço à querida Mamãe Clementina que se fez meu anjo da guarda e rogo à esposa querida que se transformou para mim em segunda mãe, receberem muitos beijos de carinho e gratidão do filho e companheiro sempre agradecido.

Sidney

SIDNEY CATARDO

31.AGOSTO.1979

II

Querida Mãezinha Clementina e querida Luzia, venho trazer-lhes a minha alegria emoldurada nas saudades de sempre.

Agora se esvaíram de todo as recordações do corpo ferido e doente. Daquelas pequenas chagas todas que suportamos, louvando a Deus e crendo na Providência Divina, como que me desabrocham, por dentro do próprio ser, flores invisíveis de paz e de alegria.

Não estou exibindo superioridade que não tenho. Preciso destacar a Bondade de Deus que nos enriqueceu de trabalho e de bênçãos.

Mãezinha Clementina, a vovó Júlia aqui me diz para transmitir-lhe a certeza de que não apenas o nosso Valdir conseguiu uma família, porque a nossa Lu¹ e eu temos agora nove filhos, os pequenos felizes que Deus nos enviou, através da Aldeia Infantil de Poá.

Tenho encontrado o meu paraíso dividindo com a nossa querida Lu todas as atividades de nosso abençoado lar. O José Paulo é o nosso caçula. Maísa, Wanderlei, e todos os demais

formam a nossa constelação de nove estrelas.

Querida Lu, eu sabia que Deus não nos deixaria na orfandade, em relação às crianças com as quais sempre sonhamos. Temos um céu em casa e estou feliz ao vê-la ajustada às obrigações da maternidade espiritual. Deus abençoe os nossos garotos que vieram de outros pais e que o Céu aninhou em nossos corações.

A nossa irmã Lydia vem trabalhando conosco e não tenho qualquer provação por relatar. A doença nos uniu mais profundamente em Jesus e a liberação do corpo me facultou o contentamento de me integrar com você no mesmo ideal de nos consagrarmos às crianças que a Divina Providência nos pudesse confiar. E até a querida Mamãe Clementina se sente mais avó ao beijar os nossos filhinhos do coração.

Estas letras breves se destinam unicamente a repetirmos juntos: Jesus Reina! Jesus Vence! Louvado Seja Jesus!

Com muitas lembranças ao querido irmão e a meu pai, dividam as duas, mamãe Clementina e você, querida Lu, os beijos do seu, sempre seu,

Sidney
SIDNEY CATARDO
17.JULHO.1982

1) Apelido carinhoso com que chamava a esposa.

III

Querida Mamãe Clementina e querida Luzia, a saudade repercute, ao modo de campainha da alma, chamando-nos ao reencontro onde quer que estejamos e compareço com alegria no nosso diálogo de esperança.

O tempo não nos transformou as aspirações que hoje se complementam no abençoado Lar de nossa Aldeia Infantil e, junto à querida Lu, estou operando e cooperando na condução e manutenção dos nossos nove pequeninos que recebemos por filhos do coração.

Mãezinha Clementina, agradeço-lhe o apoio, com o apoio de meu pai e do nosso Valdir ao nosso esforço, ao lado das crianças.

Em muitas ocasiões, partilhando com a nossa querida Lu da contemplação de nossos pequenos e grandes filhinhos adotivos, eu tenho a impressão de que estou novamente materializado no corpo terrestre.

Querida Lu, muito reconhecido, peço a Jesus lhe amplie as forças e lhe conceda a calma indispensável para a missão árdua que esposou em minha companhia.

De fato, a nossa união esponsalícia na Terra foi um momento ligeiro, mas o nosso matrimônio de alma para alma permanece com os júbilos do primeiro dia que, do ponto de vista de tempo, ainda agora é o dia brilhante em que a felicidade parou, a fim de ser mais nossa.

Nunca esperei, enquanto aí no mundo, pudesse haver um enlace permanente e lindo, quanto o nosso, no qual um cônjuge reside na Espiritualidade, à espera do instante de receber o outro que ainda mora entre os homens.

Louvo a bondade de Deus que nos permitiu descobrir a beleza da vida, sem que a morte nos obscurecesse a visão. E compensando-nos por todas as dores experimentadas no adeus temporário, o Supremo Pai nos concedeu um lar que não preparamos e nove pequeninos que não nasceram de nós e, sim, dos desígnios divinos que os trouxeram para acentuar a nossa ventura.

A mãezinha Clementina percebe pelo coração quão ditoso me sinto e renovo a ela o meu reconhecimento profundo pela compreensão e concurso de sempre com que nos dilata as alegrias.

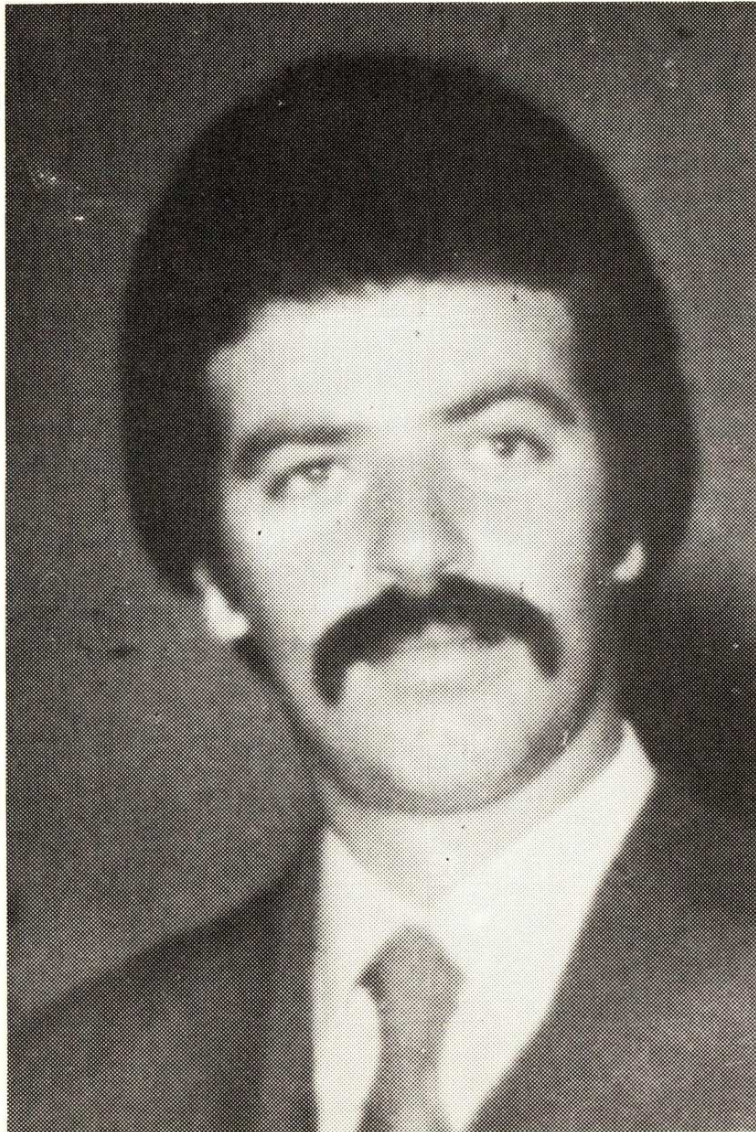
Querida Lu, são estas as minhas respostas aos seus recados de saudade e bênção que varam distâncias, a fim de que eu me reconheça sempre mais forte e mais feliz do que sou. Vencemos a separação com o serviço em nossos braços e esse mesmo serviço se fez o clima de paz e luz em que passamos a viver.

Peço-lhe abençoar os pequeninos trechos difíceis de nossa caminhada entre as paredes do nosso novo lar e guarde a certeza de que, com o amor e com a humildade a nos orientarem os passos, estaremos tranquilos e surpreendendo, sem dificuldades, as melhores soluções para os problemas naturais da instituição de que somos os felizes servidores.

Não devo alongar-me, porque falei de saudade como quem se refere à própria vida e comentei a união como se a morte não existisse, nem mesmo na condição de sombra em que costuma atemorizar-nos.

Querida Mãezinha Clementina, a todos os familiares as minhas lembranças ao mesmo tempo em que rogo à nossa querida Lu conservar sempre consigo o amor inalterável e o constante reconhecimento do seu

Sidney
SIDNEY CATARDO
16.JULHO.1983



CARLOS ROBERTO CAMINITTI

Carlinhos nasceu em São Caetano do Sul-SP, a 29 de maio de 1953, falecendo a 5 de setembro de 1982, ao sofrer um mal súbito, quando de moto transitava pela Estrada Paraibuna-Caraquatuba.

29 anos, mecânico de veículos, com cursos de especialização na General Motors e na Ford do Brasil S.A., Carlinhos era proprietário de uma oficina em Santo André-SP.

Filho único de Milton Caminitti e de D. Maria de Lourdes Cassoni Caminitti, simpatizante do Espiritismo, caráter reto, alegre, empreendedor, Carlinhos vivia muito a própria vida, estudando, acampando, e, sobretudo, participando do convívio dos pais, a quem extremava, por filho terno e solícito.

Em seus últimos dias falava muito nos avós desencarnados e dizia aos pais que logo estaria com eles.

Ainda chocados, os genitores não puderam oferecer-nos seu depoimento. Contudo, o tio do Carlinhos, Sr. Osvaldo Conceição disse-nos o seguinte:

“Os pais do rapaz ainda se encontram muito amargurados pela falta do filho único.

A mensagem trouxe um pouco mais de paz e conforto. A tranqüilidade não é total, pois eles sentem muitas saudades e gostariam de ter mais notícias do filho, porém, já compreendem melhor a situação.

Eles se encontravam muito nervosos antes da mensagem, se revoltavam contra tudo. Não conseguiam entender como um rapaz tão religioso quanto ele, que sempre rezava antes de qualquer atividade, pudesse ter sido colhido pela morte.

A mensagem veio confirmar o laudo médico de morte natural (ele já sofria de ataques, ficava com seus membros paralisados, sofria do coração, mas relutava em ir ao médico).

Hoje os pais estão mais tranqüilos, muito saudosos ainda, mas enfrentando a vida de forma diferente. Com a mensagem e o constante apoio da família, foram compreendendo melhor.

Ainda hoje, eles vão ao cemitério todos os dias limpar o túmulo e colocar flores. Porém, já o pai se levanta mais raramente de madrugada pa-

ra lavar o carro do filho como fazia antes.

O pai não tem religião, passando agora a ser um grande admirador de Chico Xavier.

Seu filho cita na mensagem que ele não é o único Carlinhos, que existem muitos outros Carlinhos. Neste Natal, o primeiro após a desencarnação do filho, eles adquiriram vários mantimentos, ofertando-os a um orfanato de Santo André. Foi a primeira vez que contribuíram para uma instituição beneficente.”

I

Querida Mãezinha Lourdes, estou presente com a vovó Ernesta,¹ a fim de pedir ao seu carinho e ao papai Milton para que as nossas lágrimas de saudades se façam preces de esperança.

Perdoem-me os pais queridos se não soube curtir a minha moto por mais tempo. Não me creiam indisposto com a máquina que me proporcionou tantas alegrias.

Não se arrependam, igualmente, por me haverem permitido transitar no dorso do cavalo de aço, segundo as atenções que lhe dedicava. O choque foi muito brusco e me vi sob a pressão do engenho que me parecia tão leve ao montá-lo.

Compreendi, para logo, depois do acidente havido, que a transformação seria certa.

Não desejo empregar a palavra "morte" num acontecimento que não me afetou o espírito em ponto algum. Afinal essa dona do pânico não existe. Tanto choram por essa ocorrência que, a rigor, é a sombra por ausência da luz...

De começo, era compreensível que me visse quase desesperado... Eu não sabia cousa al-

1) Ernesta Baruco Cassoni, avó materna desencarnada em 1960.

guma acerca do que viria depois e o temor do desconhecido me tomou o coração de assalto.

Creia, porém, a querida Mãezinha Lourdes que o seu carinho e o amor por meu pai estavam em meus pensamentos na Grande Mudança. Além da queda de que fui vítima, não tive ensejo para refletir em muitos assuntos, porque desfaleci num desmaio total.

Efetivamente, em nada me agradava o que me ocorria, porquanto a saída do nosso mundo não estava em meus planos de menino que tomava o topete de rapaz.

Lutei vigorosamente contra a exaustão de minhas forças, mas o sono me venceu, qual o sedativo que provoca o repouso de uma criança.

Entretanto, sem que eu saiba ainda quanto tempo estive inconsciente, como quem se demorasse num casulo, para acordar em novo ambiente, fui surpreendido pelo carinho de alguém que me tomara nos braços quando a moto foi atirada sobre mim.

Esse regaço de mulher e de mãe me lembrou a suavidade de sua ternura de sempre para comigo e, quando despertei, ei-la que se me deu a conhecer, tranqüilizando-me o coração agitado. Era a vovó Ernesta que me solicitava dormir sem medo e ao despertar era ainda ela mesma a me convidar para o retorno à esperança e à Vida.

Logo depois, trouxe-me a presença de outra senhora cuja bondade irradiava paz e confiança em meu auxílio.

Nova apresentação. Era a bisã Polônia, segundo ela própria se nomeava.²

Passei do desânimo a novo alento e aqui estou para rogar-lhe afastar a tristeza do coração.

Mãe Lourdes, eu não era o seu filho único. Há muitos outros Carlos por aí esperando proteção e reconforto. Rogo à sua bondade e a meu pai Milton se encorajarem para que me veja melhor.

Ainda me sinto algo sonolento e algo despencado de meus próprios raciocínios, por falta de segurança.

Agradeço as suas preces e as lágrimas que me deram, valendo por preces de angústia perante Deus.

Pensem em novo dia. Amanheceu outro tempo para nós. O escuro de ontem já foi suficientemente iluminado por nossa rendição aos Desígnios de Deus.

Somente a nossa adaptação à realidade tem sido difícil, mas Jesus não nos deixará sem auxílio. Preciso exercitar-me em oração e idéias positivas para lhes ser útil.

Agradeço às nossas amizades de Santo André que nos auxiliaram e nos auxiliam sempre. E porque não consigo escrever mais, recebam todo o carinho e gratidão de meus sentimentos de

2) Polônia Cassoni, bisavó materna, cuja data de falecimento é ignorada.

respeitoso amor para com os pais amados que Deus me concedeu no mundo, com muitos beijos do filho sempre grato.

CARLOS ROBERTO CAMINITTI
18.DEZEMBRO.1982

LIVROS DE CHICO XAVIER EDITADOS
PELO GEEM:

MAIS LUZ
Batuíra

BÊNÇÃO DE PAZ
Emmanuel

CHICO XAVIER
PEDE LICENÇA
Espíritos Diversos

NATAL DE SABINA
Francisca Clotilde

NA ERA DO
ESPÍRITO
Espíritos Diversos

ASTRONAUTAS DO
ALÉM
Espíritos Diversos

BEZERRA, CHICO E
VOCÊ
Bezerra de Menezes

DIÁLOGO DOS
VIVOS
Espíritos Diversos

INSTRUMENTOS
DO TEMPO
Emmanuel

JOVENS NO ALÉM
Espíritos Diversos

CAMINHOS DE
VOLTA
Espíritos Diversos

AMANHECE
Espíritos Diversos

SOMOS SEIS
Espíritos Diversos

TINTINO... O
ESPETÁCULO
CONTINUA
Francisca Clotilde

CRIANÇAS NO
ALÉM
Marcos

MOMENTOS DE
OURO
Espíritos Diversos

CHICO XAVIER EM
GOIÂNIA
Emmanuel

FALOU E DISSE
Augusto Cezar

INSPIRAÇÃO
Emmanuel

CALMA
Emmanuel

SINAIS DE RUMO
Espíritos Diversos

URGÊNCIA
Emmanuel

DEUS AGUARDA
Meimei

VIDA NO ALÉM
Espíritos Diversos

VIAJORES DA LUZ
Espíritos Diversos

AUGUSTO VIVE
Augusto Cezar

PAZ E ALEGRIA
Espíritos Diversos

NASCER E
RENASCER
Emmanuel

FILHOS VOLTANDO
José Roberto Pereira
da Silva
José Roberto Pereira
Cassiano

ADEUS, SOLIDÃO
Espíritos Diversos

ENTES QUERIDOS
Espíritos Diversos

SEGUINDO JUNTOS
Espíritos Diversos

VENCERAM
Espíritos Diversos

RECADOS DA VIDA
Autores Diversos

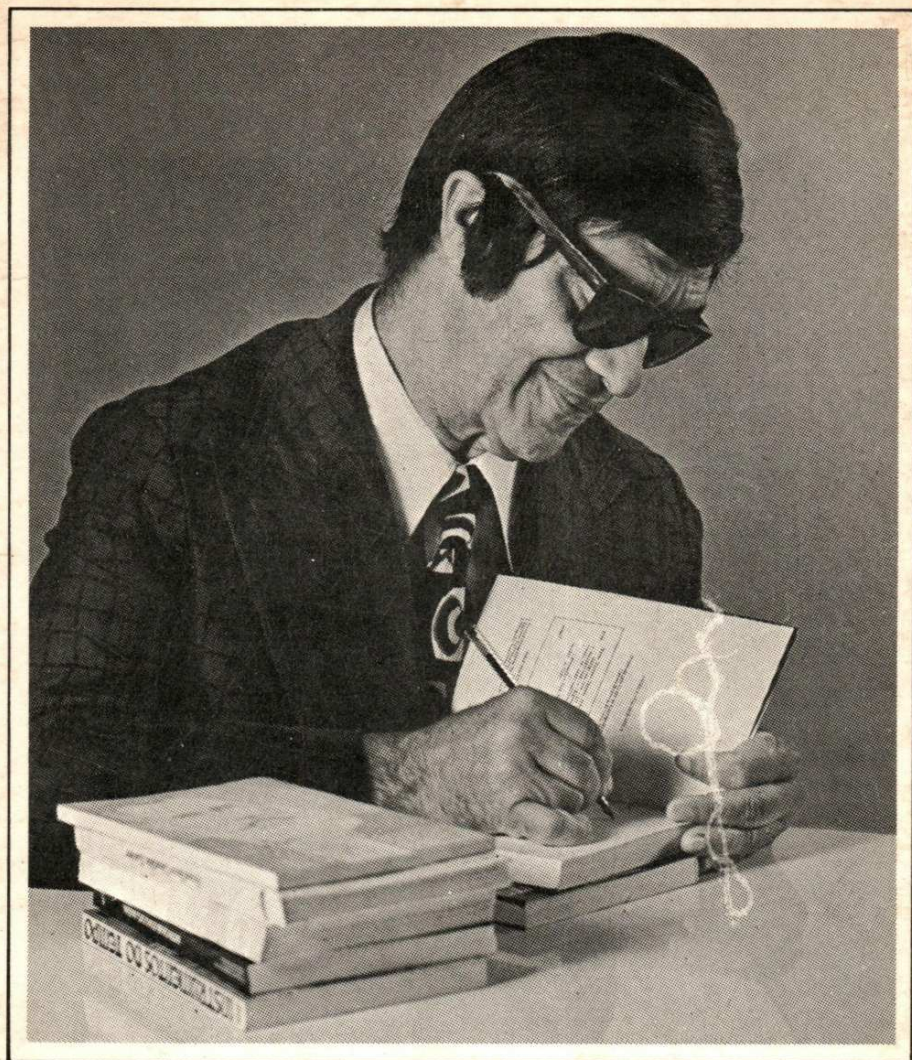
MAIS PERTO
Emmanuel

OS DOIS MAIORES AMORES
Autores Diversos

VIDA NOSSA VIDA
Autores Diversos



Impresso por
W. Roth & Cia. Ltda.



GRUPO **GEM**
ESPÍRITA
EMMANUEL S/C EDITORA

Avenida Humberto de
Alencar Castelo Branco, 2857
Telefones: (D.D.D.: 011)
443-5888 PBX
Caixa Postal 888
CEP 09700 - São Bernardo
do Campo - SP